

wookacontece

Gratuita
Trimestral
Novembro 2021
Número 7

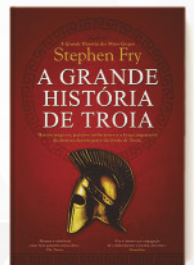
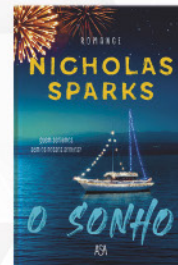
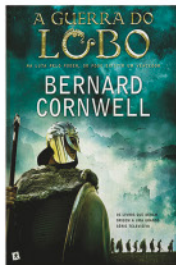
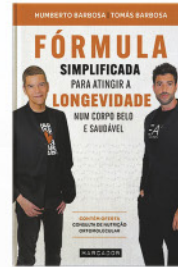
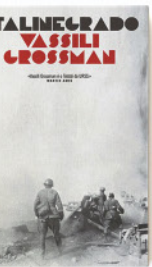
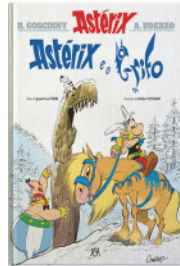
Entrevistas exclusivas
Matt Haig
Frederico Lourenço

Rentrée literária
Wook
vamos ler

Porto de Perdição
Uma história
intemporal



descubra as NOVIDADES DA RENTRÉE



wook®



24 Entrevista Matt Haig

2 **2021:**
Wook vamos ler...
na **Rentrée Literária**

9 Dez Declarações de
amor aos livros

12 Entrevista
Frederico Lourenço

21 Wook aconteceu
ao espírito da
ficção científica

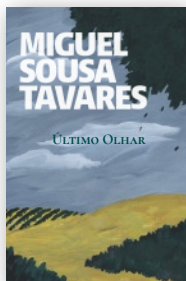
33 **Porto de Perdição:**
uma história de amor
sem tempo

37 **Cérebro:**
O último grande
mistério

Wook vamos ler... na *Rentrée* Literária!

Depois dos banhos de sol, dos dias compridos e do merecido descanso, chegou novamente a rotina e a melancolia do outono. Mas, nesta época, nem todas as folhas são caducas. Há muitas novidades no mundo dos livros para nos alegrar as tardes ou os serões cada vez mais frescos.

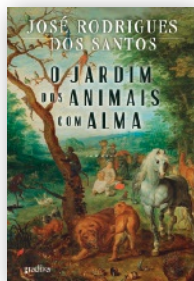
Romance



Último Olhar

Miguel Sousa Tavares

Oito anos após *Madrugada Suja*, o aguardado regresso de Miguel Sousa Tavares ao romance com uma história inspirada no abandono a que foram sujeitos os mais velhos durante a pandemia. Aqui encontramos Pablo, que viveu a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial, mas também Inez, uma médica dividida entre a carreira, o casamento e o seu amor por Paolo, um médico italiano. Uma história marcante que se debruça sobre os dilemas do presente e interroga o futuro que queremos ter.



O Jardim dos Animais com Alma

José Rodrigues dos Santos

O que têm um cientista morto, uma mulher acusada do crime e um quadro de Hieronymus Bosch em comum? Um mistério que só Tomás Noronha é capaz de resolver e que o conduzirá a um dos mais maravilhosos segredos da natureza. O que há de humano nos animais e de animal nos humanos? José Rodrigues dos Santos regressa com um romance que questiona a consciência animal e a destruição a que estamos a sujeitar o planeta.



As doenças do Brasil

Valter Hugo Mãe

Passado na comunidade imaginária dos abaeté, *As doenças do Brasil* é um romance sobre a destruição causada pela «fera branca» e o encontro entre povos representado na cumplicidade entre duas figuras inesquecíveis: Honra e Meio da Noite. Um romance de luz e sombra, sobre a ideia de resistência e a possibilidade de paz, na prosa delicada e poética de Valter Hugo Mãe.



Mundo Belo, onde Estás

Sally Rooney

Aclamada como a voz de uma geração, **Mundo Belo, onde Estás** é o terceiro romance da irlandesa Sally Rooney e o sucessor do imensamente popular **Pessoas Normais**. Aqui encontramos Alice e Eileen, duas amigas prestes a fazer trinta anos, navegando num labirinto de dúvidas e hesitações, entre relacionamentos, conversas sobre política e arte, e um mundo à beira da rutura.



Comboios Rigorosamente Vigiados

Bohumil Hrabal

Um dos romances mais conhecidos de Bohumil Hrabal, que chegou mesmo a ser adaptado ao cinema e a receber o Óscar de melhor filme estrangeiro. Passada numa estação ferroviária da Checoslováquia ocupada pelos nazis, esta é uma história de resistência e de heróis improváveis, narrada com humor e uma profunda humanidade.



Primeira Pessoa do Singular

Haruki Murakami

Oito histórias, contadas, como o título indica, na primeira pessoa, que transportam o leitor para o universo único de Murakami. Entre recordações de juventude, cenários oníricos ou obsessões recorrentes como a música ou o basebol, esbatem-se as linhas entre memória e ficção.



Três Irmãs

Heather Morris

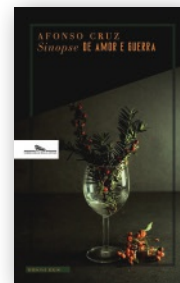
Depois de **O Tatuador de Auschwitz** e **A Coragem de Cilka**, Heather Morris regressa à missão de manter viva a memória dos sobreviventes do Holocausto com **Três Irmãs**. Baseada em factos verídicos, esta é a história de uma promessa e de três irmãs determinadas a manterem-se juntas e a sobreviver, mesmo perante as circunstâncias mais terríveis.



O Sonho

Nicholas Sparks

Em **O Sonho**, Maggie, uma conhecida fotógrafa, obrigada a permanecer em Nova Iorque durante o Natal, recorda a sua juventude e uma paixão avassaladora que mudou para sempre o rumo da sua vida. Uma história de amor, perda e redenção destinada a tornar-se um clássico do autor de **O Diário da Nossa Paixão** ou **As Palavras Que Nunca te Direi**.



Sinopse de amor e guerra

Afonso Cruz

Depois de ter partilhado com os leitores o seu **O Vício dos Livros**, Afonso Cruz não se dá por satisfeito e publica, antes do ano acabar, **Sinopse de Amor e Guerra**, uma história de amor entre dois amantes de literatura, interrompida pela construção do muro que dividiu Berlim.



Sira

María Dueñas

Em **Sira**, María Dueñas traz de volta a carismática protagonista de **O Tempo Entre Costuras**. Com o fim da Segunda Grande Guerra, Sira olha para o futuro com esperança, mas uma tragédia vai obrigá-la a reinventar-se uma vez mais. Um romance que passa por Jerusalém, Londres, Madrid e Tânger e onde nos reencontramos com uma personagem verdadeiramente inesquecível.



Se Me Amas Não te Demores

Raul Minh'Alma

E se a pessoa que amas vivesse seis vezes mais depressa? Raul Minh'Alma, o autor mais vendido em Portugal, regressa ao romance com uma história de amor inspiradora sobre a importância de viver no momento presente.



Daisy Jones & The Six

Taylor Jenkins Reid

Os Daisy Jones & The Six eram a banda do momento. Esta é a história dos primeiros tempos e das noites loucas, mas todos os membros da banda recordam o que aconteceu de maneira diferente... Depois de **Os Sete Maridos de Evelyn Hugo**, Taylor Jenkins Reid convida-nos a entrar numa viagem fascinante aos anos 70, com muito rock & roll à mistura.



Era uma vez em Hollywood

Quentin Tarantino

Com o fim anunciado da carreira cinematográfica, só podemos torcer para que Tarantino se dedique agora à ficção. **Era uma Vez em Hollywood** é uma expansão do filme com o mesmo título, mas, mais do que isso, é um romance alucinante que se lê num ápice e onde não faltam vilões, mortes sangrentas e momentos de humor. No cinema como no romance, Tarantino prova que sabe manter o seu público sempre no limite.

Para Saborear



À Dentada – O Livro das Bolachas

Rita Nascimento

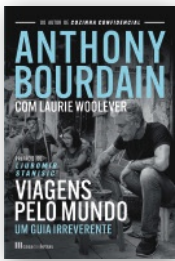
Dos gelados às sobremesas 5-5-5, Rita Nascimento já nos habituou às melhores doçarias para termos uma pastelaria em casa. **À Dentada – O Livro das Bolachas** é o seu novo livro, chegou em novembro e vai deliciar os amantes destas pequenas porções de felicidade. As dicas e técnicas de que precisa para confeccionar desde as bolachas tradicionais às receitas mais clássicas e incontornáveis. Um livro para devorar até à última migalha.



7 ideias

Jamie Oliver

Estamos constantemente ocupados, mas isso não nos deve impedir de ter uma refeição saborosa e nutritiva. Em **7 ideias**, Jamie Oliver agrupou os principais ingredientes que utilizamos e reuniu receitas fáceis e deliciosas para todos os dias da semana. Se está à procura de inspiração para o jantar, estas receitas vão ser um sucesso garantido à sua mesa.

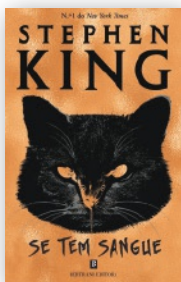


Viagens pelo Mundo: um Guia Irreverente

Anthony Bourdain

Anthony Bourdain degustou o mundo nas suas viagens e levou-nos com ele dos lugares mais cosmopolitas até às aldeias mais recônditas. **Viagens pelo Mundo: um Guia Irreverente** reúne alguns dos lugares favoritos de Bourdain, conselhos essenciais sobre como lá chegar, o que comer, onde se hospedar e, em alguns casos, o que evitar. Às palavras do *Chef*, escritor e apresentador de televisão, que nos deixou em 2018, juntam-se as histórias de amigos e familiares.

Policia & Thriller



Se Tem Sangue

Stephen King

Melhor do que uma história escrita por Stephen King? Quatro novelas reunidas num único volume. Um universo de histórias aterradoras do qual não saímos os mesmos. **Se Tem Sangue**, a novela que dá título a este volume, é uma sequela protagonizada por Holly Gibney, que conhecemos na trilogia iniciada em *Mr. Mercedes* e *O Intruso*.



Silverview

John Le Carré

Com uma história centrada num livreiro que se vê envolvido numa fuga de informação dos serviços secretos, **Silverview** é o romance que o autor deixou concluído pouco antes da sua morte. Um livro que explica o motivo de Le Carré ser justamente conhecido como o mestre do policial de espionagem: uma escrita elegante e um enredo irrepreensível que explora a ambiguidade moral dos indivíduos e das organizações responsáveis por nos protegerem.



Raparigas em Chamas

C. J. Tudor

Desde *O Homem de Giz* que C. J. Tudor tem vindo a escrever alguns dos thrillers mais imprevisíveis e viciantes dos últimos anos. **Raparigas em Chamas** não é exceção. Neste livro, Jack Brooks, uma reverenda, e a filha adolescente chegam a uma aldeia remota com a esperança de um novo começo, mas em vez disso vão encontrar um lugar com um passado sangrento, onde todos têm algo a esconder.

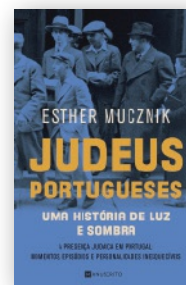


Nunca

Ken Follett

Imagine a atenção ao detalhe e o tom épico que encontramos em *Os Pilares da Terra*, mas num thriller recheado de ação e extremamente atual. Em **Nunca** o mundo está à beira de uma nova Guerra Mundial e a tensão é palpável. Um livro que promete ditar uma nova direção na escrita de Ken Follett e que, uma vez mais, o confirma como um excepcional contador de histórias.

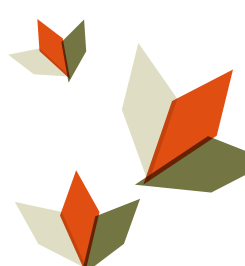
Sobre a História



Judeus Portugueses— Uma história de luz e sombra

Esther Mucznik

A escritora e jornalista Esther Mucznik tem um longo percurso na divulgação das lutas dos Judeus ao longo dos tempos. Com várias obras já publicadas, a autora lança nesta rentrée o livro **Judeus Portugueses – Uma história de luz e sombra**, onde expõe a convivência e perseguição, amor e ódio, desterro e saudade, reencontro e reconciliação dos Judeus e do nosso país.



Para cuidar de si



Ser Herói Todos os Dias

Robin Sharma

O autor dispensa apresentações. Com ele já aprendemos a conciliar a sabedoria espiritual do Oriente com os princípios ocidentais, fizemos um caminho de autoconhecimento e melhorámos a capacidade de liderança. Robin Sharma ensina-nos agora a **Ser Herói Todos os Dias**, num manual de resiliência, produtividade e positividade que chega aos leitores em novembro.



Mente em Forma

Sanjay Gupta

A alimentação ideal, a atividade física, os suplementos ou até a forma de pensar são alguns dos segredos da longevidade cognitiva que o neurocirurgião Sanjay Gupta apresenta num livro para jovens e menos jovens. **Mente em Forma**, publicado em setembro pela Clube do Autor, inclui um programa de doze semanas para construir um cérebro ágil e lúcido ao longo de toda a vida.

Para Cuidar dos outros

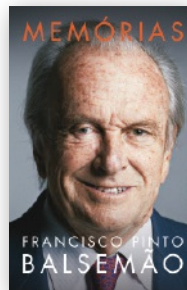


Nascemos! E Agora?

Carmen Ferreira

Com a chegada de um bebé chegam também muitas perguntas. As respostas são dadas por Carmen Ferreira, a enfermeira especialista em saúde materna e obstétrica, apaixonada por bebés. Depois do sucesso de **Estamos Grávidos... E Agora?**, a autora regressa com informação científica e dicas práticas reunidas no livro **Nascemos! E Agora?**.

Histórias de Vida



Memórias

Pinto Balsemão

Memórias é uma janela aberta para a vida do homem que ajudou a formar o Portugal de hoje. O percurso de Francisco Pinto Balsemão, desde as suas origens beirãs à passagem pela política, passando pela formação da SIC e do jornal *Expresso*, sem esquecer o lado pessoal, estão registados neste livro de memórias que é também a memória do Portugal recente.

Para os mais novos



Os Mega B.Y.T.E.S – Os Escolhidos

Sara de Almeida Leite

Neste primeiro volume da nova coleção da autora Sara de Almeida Leite, os protagonistas são cinco miúdos normais que um dia depararam com algo totalmente invulgar: um estranho ser que lhes confere poderes sobrenaturais e uma missão que só eles poderão cumprir...



Se Eu Fosse um Gato

Paloma Sánchez Ibarzabal e Anna Llenas

Anna Llenas ilustra a história escrita por Paloma Sánchez Ibarzabal sobre um menino que imagina o que aconteceria se fosse um gato, porque se vestirmos a pele dos outros, poderemos compreendê-los melhor.



Floco de Neve

Benji Davies

Do autor de *O Regresso da Baleia*, chega-nos *Floco de Neve*. Um livro para todos aqueles que procuram o seu lugar especial no mundo. Nada como a magia dos encontros inesperados e o encanto do Natal!



O Lobo que Queria Ir à Escola

Orianne Lallemand e Éléonor Thuillier

O Lobo que Queria Ir à Escola é o mais recente título da coleção de Orianne Lallemand. Mais uma vez, uma história divertida e enternecedora, sobre o valor da aprendizagem e da inclusão.



Tudo Sobre os Incríveis Dinossauros e Outros Animais Pré-Históricos

Mike Lowery

O guia definitivo sobre dinossauros que junta factos históricos rigorosos e ilustrações humorísticas fantásticas. É um livro para uma nova geração de leitores.



Nome de Código: Bananas

David Walliams

Mais uma história hilariante de David Walliams, desta vez ambientada em plena Segunda Guerra Mundial, onde conhecemos a gorila Gertrudes, o menino Eric e o seu Tio Sid, que em plena fuga de um bombardeamento encontram um plano ultrassecreto.



O Diário de um Banana 16 – Arrasa ou Baza!

Jeff Kinney

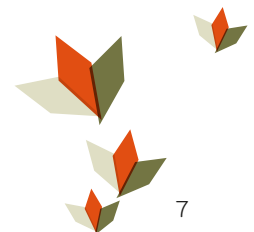
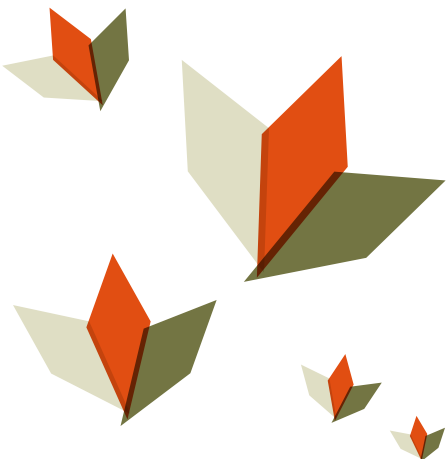
Jeff Kinney está de volta em outubro com o número 16 da coleção *Diário de um Banana* ou o mais improvável herói de sempre em *Arrasa ou Baza!*. O que será que acontece desta vez? Todos sabemos que ele é um aselha em desporto...



O Mundo Cá Dentro

Deborah Underwood e Cindy Derby

Um livro ilustrado que é uma forma de nos lembrar que estamos todos ligados à natureza e que ela encontra múltiplas formas de marcar a sua presença na nossa vida. O mundo espera por nós... e nós vamos ter com ele.





Grandes livros

para surpreender os que mais gosta

leYa



O livro que antecede *Vida e Destino*, o **Guerra e Paz** do século XX, de Vassili Grossman.



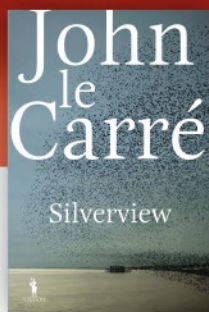
A conversa perdida entre dois dos maiores expoentes da literatura de sempre.



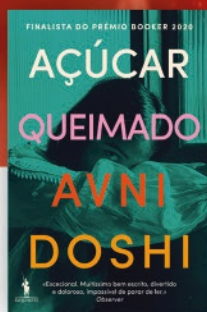
O muito aguardado regresso de Franzen com uma grande saga familiar.



O Reino, considerado pelo *Washington Post* como «um dos melhores momentos na ficção policial moderna».



O último livro do grande mestre da literatura de espionagem.



Vencedor do Prémio Sushila Devi 2021
Finalista do Prémio Booker 2020
Finalista do Women's Prize 2021



Uma escrita intimista num livro com mais de duas dezenas de crónicas, inclui inéditos.



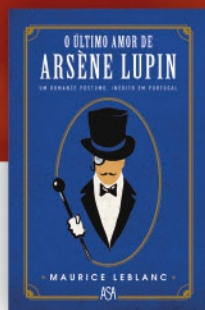
«Entre o que há de melhor na literatura contemporânea.»
José Luís Peixoto



Vencedor do Man Booker International Prize 2020



A série escrita a quatro mãos por dois consagrados autores do romance policial nórdico.



O romance que fecha a série em que se inspira o herói de *Lupin* da Netflix.



O impacto da IA por três dos mais reputados e estimulantes pensadores da atualidade.



Do medo do escuro às divertidas rimas, pela mão do premiado autor de literatura infantil.



10 declarações de amor aos livros

Caro leitor, o fim dos livros está aí. Ou pelo menos, foi isso que defendeu Octave Uzanne estávamos então no século XIX. Pode não parecer, mas a extinção do livro já foi anunciada muitas vezes. Hoje como ontem, os leitores são raros e o livro está em vias de desaparecer e, no entanto, ambos resistem. Como notou de forma perspicaz Yuval Harari, «para compreendermos o nosso futuro não basta deciframos o genoma humano e fazermos contas. Temos também de decifrar as ficções que dão sentido ao mundo.» Por outras palavras, e lembrando um título de Umberto Eco, não contem com o fim dos livros. Talvez porque cada leitor saiba que ler é sempre um ato de rebeldia, um manifesto silencioso contra um mundo cada vez mais acelerado, ou porque só exista uma coisa que um leitor gosta mais do que de livros: falar sobre eles. Porque o amor pelos livros toma várias formas, estas são declarações de bibliófilos apaixonados, viagens pela história da leitura, visitas íntimas aos lugares habitados por livros, odes à capacidade das histórias nos mudarem.

Sobre a Leitura

Marcel Proust

Se lhe falta coragem para se lançar na leitura do monumental **Em Busca do Tempo Perdido**, **Sobre a Leitura** é uma excelente introdução à prosa de Proust. Um pequeno texto que começa com a memória das leituras de infância e ao longo do qual o autor defende o ato de ler como um prazer solitário capaz de nos moldar profundamente se estivermos dispostos a seguir as pistas deixadas pelos livros.



Embalando a Minha Biblioteca

Alberto Manguel

Bibliófilo apaixonado, ler Alberto Manguel é entrar na cabeça de um leitor prodigioso enquanto percorremos um imenso labirinto de referências literárias. Não saímos iguais e é essa a marca dos bons livros. **Embalando a Minha Biblioteca** conta a hercúlea tarefa de encaixotar os milhares de volumes da biblioteca do autor ao mesmo tempo que reflete sobre a forma como as nossas bibliotecas são uma forma de autobiografia, uma parte de nós. A história, ainda inacabada aquando da publicação do livro, tem um final feliz: a biblioteca embalada teve como destino Lisboa!



O Infinito num Junco

Irene Vallejo

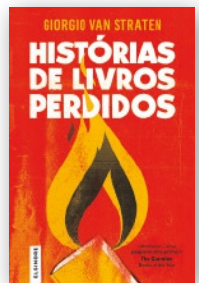
«Somos os únicos animais que fabulam, que afugentam a escuridão com histórias, que aprendem a conviver com o caos graças aos relatos (...)». Quem o diz é Irene Vallejo, autora de **O Infinito num Junco**, um ensaio que se lê como um romance, traçando o percurso do livro desde a antiguidade até aos nossos dias. O leitor começa timidamente a ler sobre as conquistas de Alexandre, o Grande, e quando volta a levantar os olhos das páginas percorreu, sem dar por isso, uma imensidão de séculos e histórias numa viagem apaixonada que resgata, com a sua curiosidade e inteligência, a nossa sede de leitura.



Histórias de Livros Perdidos

Giorgio Van Straten

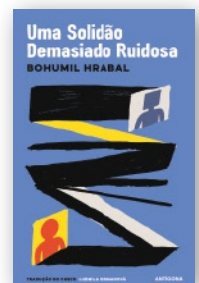
Existe a aflição causada por todos os livros que nunca teremos tempo de ler e depois existe a angústia dos livros que sabemos irremediavelmente perdidos. **Histórias de Livros Perdidos** parte em busca de oito livros míticos que sabemos terem existido, mas que desapareceram. São livros de autores tão diferentes como Sylvia Plath, Hemingway, Gógol ou Walter Benjamin que Giorgio Van Straten reconstituiu da única forma possível: recuperando a sua história e (re)imaginando o que o tempo apagou.



Uma Solidão Demasiado Ruidosa

Bohumil Hrabal

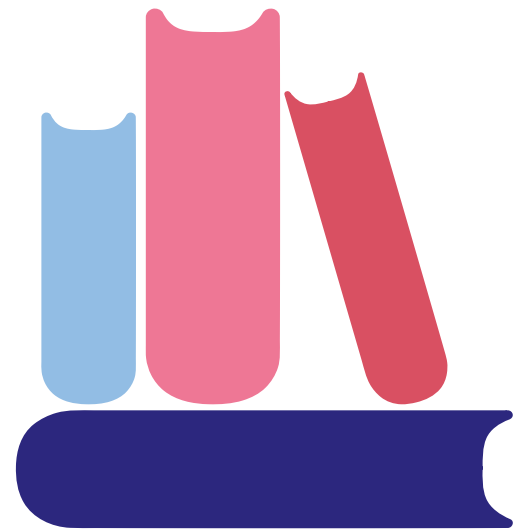
«O significado de um livro verdadeiro vai sempre para além dele». Esta frase resume na perfeição **Uma Solidão Demasiado Ruidosa**: um livro simultaneamente luminoso e trágico, comvente e mordaz que nos faz amar o velho Haňta, um solitário prensador de papel que resgata livros do mesmo esquecimento para o qual é empurrado pelo avançar impiedoso da mecanização.



Se Eu Fosse Um Livro

José Jorge Letria e André Letria

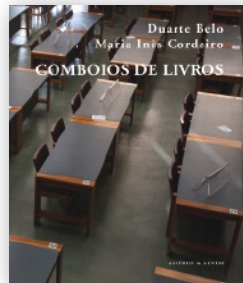
Por vezes, já o tinha notado Camões, «transforma-se o amador na cousa amada». Em **Se Eu Fosse um Livro**, de forma minimalista e poética, a dupla José Jorge e André Letria convida o leitor a colocar-se no lugar do livro. O resultado é uma obra verdadeiramente sem idade que lembra que o livro pode ser muitas coisas – casa, porta, abrigo, degrau, tábua de salvação... – só depende da vontade (e da imaginação!) de quem o lê.



Comboios de Livros

Maria Inês Cordeiro e Duarte Belo

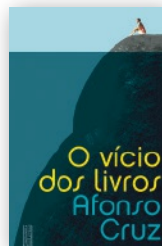
Uma viagem fascinante pelo interior da Biblioteca Nacional, com fotografia de Duarte Belo e texto de Maria Inês Cordeiro, atual diretora da maior biblioteca de Portugal. Um trabalho que torna palpável o amor aos livros e que capta com precisão a atmosfera de «um organismo singular e único». Uma ode à biblioteca como mundo de ideias, lugar de conhecimento, de silêncio e de descoberta, tudo nos pormenores de quem estiver disposto a olhar com mais atenção.



O Vício dos Livros

Afonso Cruz

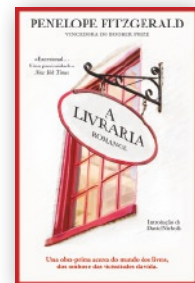
Em **Os Livros que Devoraram o Meu Pai**, Afonso Cruz já nos tinha dado a conhecer a história de Vivaldo Bonfim, o homem que levava livros para a repartição das finanças para ler às escondidas até ao dia em que desapareceu definitivamente num deles. O mais recente **O Vício dos Livros** não é um romance, mas antes uma esplêndida coleção de reflexões e episódios da vida de um escritor-leitor. Da felicidade dos livros não lidos, passando pelos mistérios da linguagem, até ao motivo pelo qual não há muitos leitores, está tudo aqui. Numa edição ilustrada pelo próprio autor.



A Livraria

Penelope Fitzgerald

Editada originalmente em 1978, a história de uma viúva que decide abrir uma livraria numa pequena vila costeira, perante a oposição dos seus habitantes, poderia ser mais um romance delicado; não fosse a escrita notável de Penelope Fitzgerald, o seu tom frequentemente irónico, e a sua capacidade de dar vida às personagens. A autora inglesa, que publicou o primeiro livro aos 58 anos e foi por várias vezes finalista do Booker Prize, oferece ao leitor uma obra singular sobre o poder transformador dos livros.



Matilda

Roald Dahl

Roald Dahl terá formado muitos leitores com as suas histórias irreverentes em que os adultos raramente saem favorecidos. Matilda é uma das mais famosas leitoras da ficção infantil. O livro não é apenas uma afirmação das capacidades únicas de cada um ou uma história sobre como a inteligência e a imaginação triunfam sobre a força. É também uma deliciosa descoberta da experiência da leitura que inclui até uma lista que vai de Dickens a Orwell passando por Hemingway e Kipling.



entrevista

**Frederico
Lourenço**



Frederico Lourenço é atualmente a maior referência dos estudos clássicos no mundo lusófono e o responsável pela redescoberta da cultura grega e latina no nosso país, ao longo das últimas décadas.

Entrega-se a tarefas hercúleas de corpo e alma, como nos entregamos ao primeiro amor: fez a primeira tradução integral para português, a partir do original, dos poemas que fundaram a literatura ocidental – a *Ilíada* e a *Odisseia*. Traduziu também a *Bíblia* a partir do grego e, mais recentemente, as *Bucólicas*, do seu autor preferido, Vergílio.

Conversar com ele é um verdadeiro bálsamo: lembra-nos que, neste mundo voraz e cada vez mais acelerado, há coisas que nunca mudam. E que podemos continuar a contar com verdades cristalizadas em obras-primas há mais de dois mil anos.

Fez o ensino primário em Inglaterra, estudou no liceu francês em Lisboa, dedicou-se ao alemão na adolescência... Como é que começou a sua paixão pelas línguas e quando é que descobriu as línguas clássicas?

As línguas clássicas estiveram sempre presentes em minha casa, enquanto crescia, porque durante a escolaridade os meus pais tiveram grego e latim. Havia em nossa casa gramáticas de grego e latim e sempre tive curiosidade em relação a essas línguas.

Além disso, entre a escolaridade em Inglaterra e o Liceu Francês, quando voltámos para Portugal, os meus pais colocaram-me a mim e à minha irmã num colégio inglês que já não existe, em Cascais, o Saint George's School, e em Inglaterra as crianças começavam a aprender latim aos dez anos, no plano de estudos antigo. Tive, por isso, o meu primeiro ano de latim em 73/74. Depois fiz o 11º e o 12º como aluno autoproposto, mas com uma explicadora, que era colega da minha mãe na Escola Secundária D. João de Castro, em Lisboa.

O grego, estudado de forma séria, digamos, só veio muito mais tarde, quando tinha vinte anos, embora muito antes disso já tivesse vontade de aprender grego. Mas tanto o latim como o grego são línguas difíceis de estudar sozinho.

Quantas línguas fala (ou traduz, no caso das mortas) e qual é a SUA língua?

Não considero que o latim seja uma língua morta porque ainda falamos latim. Todos nós, que falamos português, francês, italiano, estamos a falar o latim do século XXI.

Mas é complicado dizer qual é a minha língua, porque tenho estas línguas todas: inglês, português, alemão...

Dizem que quando nos tornamos bilingues começamos a sonhar nas duas línguas. Isso já lhe aconteceu, sonhar numa língua que não o português?

Sim, sonho nessas três línguas, dependendo da situação no meu sonho. A pensar, acho que misturo inglês e português. Há coisas em que penso em inglês, outras em que penso em português.

Os seus interesses são múltiplos e os seus estudos também têm uma vertente de dança, por exemplo, de estudos alemães, e a determinada altura da sua vida tudo parecia encaminhado para que se tornasse pianista. O que aconteceu?

O piano e o ballet são coisas que vieram muito do meu ambiente familiar. Levei muito tempo a descobrir quais eram as coisas de que eu gostava e não as coisas de que os meus pais gostavam ou que gostariam que eu fosse ou fizesse.

O piano é uma coisa típica a esse nível, que veio dos meus pais. Não era muito bom a tocá-lo, mas deixei-me levar um pouco pela ideia de que talvez dessa forma ganhasse a aprovação dos meus pais. Mas aos vinte anos percebi que estava a perder tempo, a fazer algo em que não era bom, e foi então que decidi mudar para estudos clássicos. Sabia que o meu pai aceitaria melhor o facto de eu ter desistido do piano se soubesse que ia fazer estudos clássicos, porque era justamente o curso que ele gostaria de ter feito. O meu pai gostaria de ter sido pianista; como não foi, tentou forçar-me a ser pianista.

«Depois aprendi que as coisas que dão mesmo gosto exigem que trabalhemos nelas.»

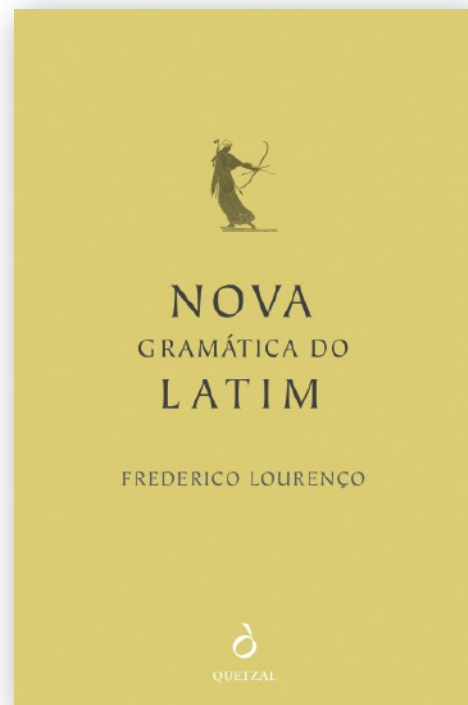
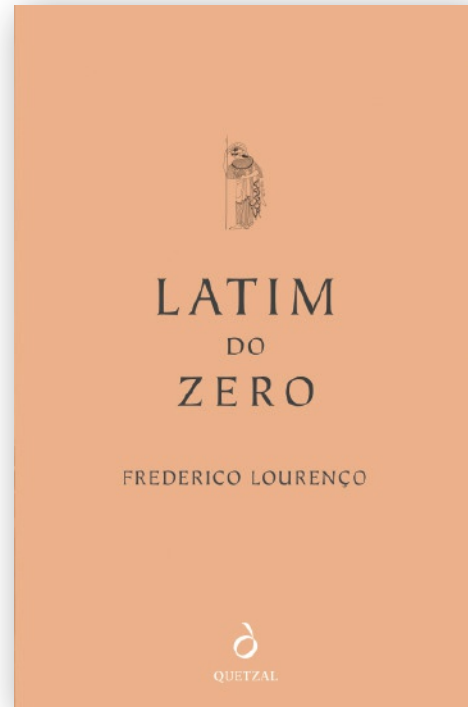
Em relação aos estudos clássicos, levei tempo até gostar desta área por mim próprio, até perceber que é algo de que gosto por mim e não porque fui influenciado pelos meus pais. Aquilo de que gostava por mim, espontaneamente, era sobretudo inglês e alemão. Teria feito mais espontaneamente, por vontade própria, a licenciatura em Línguas Modernas, em inglês e alemão, porque era aquilo de que gostava, em que era ótimo aluno sem me esforçar nada.

Era muito preguiçoso, quando era jovem, agora aprendi a não ser, mas nessa altura adorava todas as coisas em que tivesse ótimos resultados e que não me dessem trabalho nenhum. Tive vinte no 12^a ano a Inglês, sem estudar um minuto que fosse para o exame. Tive dezanove a Francês... Não estudei nada. Depois aprendi que as coisas que dão mesmo gosto exigem que trabalhemos nelas.

Hoje em dia parte do prazer dos estudos clássicos é a luta que dão, o estudo que é preciso fazer. Nem sempre é um esforço muito grato, mas faz parte. É importante desenvolvermos os talentos que temos. Teria sido muito limitativo para mim se tivesse ficado no estado de espírito que tinha quando era jovem, gostando apenas das coisas que conseguia fazer sem esforço, em que era brilhante sem ter de me esforçar. Também tive de aprender que há coisas em que, por muito que nos esforcemos, nunca seremos brilhantes. Foi o caso do piano, que foi a minha primeira lição. Inicialmente era preguiçoso, mas nos últimos quatro anos do meu percurso de piano, entre os dezasseis e os vinte anos, estudava mesmo muito, dedicava a minha vida inteira a isso, mas percebi que, mesmo estudando, não conseguia ter resultados.

Licenciou-se e doutorou-se na Universidade de Lisboa e só mais tarde passou para a Universidade de Coimbra. A professora Maria Helena da Rocha Pereira, que é uma grande referência nos estudos clássicos em Portugal, contribuiu de alguma forma para essa mudança?

Já a conhecia pessoalmente antes disso. Comecei a corresponder-me com ela quando era aluno do terceiro ano da licenciatura em estudos clássicos,



«A minha vida é pobre em eventos sociais, culturais, etc., mas é uma vida riquíssima do ponto de vista interior.»

em Lisboa. Escrevi-lhe uma carta, ela respondeu e a partir daí passámos a trocar correspondência. Mas quando vim para Coimbra ela já estava reformada, por isso não contactámos de uma forma diária na Universidade, infelizmente, mas foi ela quem fez da Universidade de Coimbra uma grande referência de estudos clássicos no mundo lusófono, e isso era importante. Tinha vontade de vir para Coimbra por causa dela, mas também de outras pessoas, formadas por ela, que são excepcionais.

Também tinha alguma vontade de sair do meio onde tinha crescido até aí. Mais uma vez, a Universidade de Letras de Lisboa foi onde estudaram os meus pais, o meu pai era professor catedrático da Faculdade onde eu era assistente e onde depois me tornei professor... A vinda para Coimbra correspondeu também a uma necessidade de criar uma certa independência, de criar uma identidade para mim próprio. Isso corresponde muito à minha maneira de ser. Sou uma pessoa que procura permanentemente a independência interior das realidades que me rodeiam, das outras pessoas, etc. Sou um solitário e não faço parte de nenhum grupo porque não quero. Gosto de estar sozinho. Foi bom vir para Coimbra porque foi um sítio onde estive imediatamente sozinho: não conhecia os meus colegas, não estava integrado no sistema normal das universidades portuguesas, em que as pessoas já estudaram juntas. Os professores universitários em Portugal, na maior parte dos casos, têm como colegas professores de quem foram alunos, colegas da licenciatura ou antigos alunos. Aqui em Coimbra eu não sou nada disso: não fui colega nem professor de ninguém, não fui aluno de ninguém, sou completamente independente, o que para mim é bom.

Coimbra beneficia, relativamente a Lisboa, por exemplo, de um ambiente de cidade universitária, como Oxford?

Sim, é uma cidade onde não há uma realidade interessante desligada da Universidade. Coimbra vive em função da Universidade, o que é bom porque eu vivo em função, não exatamente da Universidade, mas

do estudo que esta me proporciona. O facto de ser professor universitário permite-me dedicar a minha vida ao que mais me interessa, que é estudar as línguas grega e latina, a literatura grega e a literatura latina. A minha vida é ir de casa para a Universidade e da Universidade para casa, é uma vida coimbrã, pobre em eventos sociais, culturais, etc., mas é uma vida riquíssima do ponto de vista interior. Nunca tive uma vida interior tão rica como desde que vivo em Coimbra porque estou muito sozinho (porque quero) e porque me dedico apenas a estudar e a dar aulas. É uma maravilha!

Apesar de se dedicar também a outros temas, a cultura clássica é o seu principal objeto de estudo.

O que é que a cultura clássica tem de tão sedutor?

A maior sedução para mim são as duas línguas, o grego e o latim. As civilizações grega e latina, a História da Grécia e de Roma, tudo isso é muito interessante também, mas não é a minha especialidade. Dentro dos estudos clássicos há muitas especialidades: História, Filosofia, Arqueologia, mil coisas. O que me interessa, o grande fator de sedução para mim, são as línguas, que adoro. Tenho dificuldade em escolher aquela de que gosto mais, gosto muito das duas. São a minha paixão.

Nunca lhe acontece pensar: a cultura clássica é a base da civilização ocidental, isto são obras-primas, mas estes autores estão mortos, estas línguas e culturas estão mortas e há tanta vida lá fora. Ou, pelo contrário, a cultura clássica tem flashes de grande atualidade?

Em relação aos flashes de atualidade penso que é verdade. As circunstâncias à nossa volta mudam, mas o ser humano é igual, quer seja na Antiguidade grega, romana, egípcia... O ser humano não muda. Relativamente aos autores, estou habituado a lidar com autores mortos desde que nasci. Em criança, o meu compositor preferido era Mozart e hoje em dia gosto de mais compositores além de Mozart, mas estão todos mortos, alguns deles já muito mortos antes de Mozart ter sequer nascido.

Não faz parte do meu horizonte intelectual nem emotivo arte ou literatura que tenha que ver com o presente. Isso acontece também com a música, que para mim continua a ser fundamental. Embora não seja um músico que pratica, continuo a ouvir música todos os dias e a música para mim é essencial, é o alimento da alma. Só ouço música de compositores mortos. Mesmo os intérpretes de que mais gosto também já estão mortos. Estou rodeado de mortos! [risos] Alguns mortos há mais de dois mil anos, outros há dez ou quinze.

É interessante pensarmos que estes autores gregos e romanos escreveram obras que, ainda hoje, quando tomamos contacto com elas, apercebemo-nos de que seria impossível viver sem elas. A grande literatura antiga é a cristalização de verdades, de tomadas de consciência e de compreensões acerca da vida humana que sobreviveram ao tempo porque ainda hoje nos preenchem.

Cada um reage à sua maneira. Há pessoas que só gostam de ouvir música atual, só gostam de ler livros que tenham sido publicados ontem ou antes de ontem ou hoje, mas não é o meu caso.

Disse uma vez numa entrevista que geralmente os alunos simpatizam mais com Ulisses do que com Aquiles, Pátroclo ou Heitor, mas que a si cada vez lhe interessava menos a *Odisseia* e mais a *Ilíada* porque a *Ilíada* é o poema do sofrimento humano e do sofrimento humano como estado normal do ser humano. Nascemos para sofrer?

Sim, sem dúvida. Não sou eu que o digo, basta abrir o jornal de hoje ou ver o noticiário. A morte é o fecho, mas antes de lá chegarmos temos todas estas etapas de sofrimento pela frente.

Relativamente a esses dois poemas, *Ilíada* e *Odisseia*, adoro os dois e é impossível escolher entre um e outro, porque são tão diferentes! O que eu ensinei mais recentemente foi a *Odisseia* e adorei reencontrar este poema, foi fantástico. A *Ilíada* é um poema mais realista porque vivemos com guerras à nossa volta. Felizmente, não no nosso país, mas basta ler o jornal

para perceber que o mundo está constantemente em guerra, o sofrimento é infelizmente uma parte integrante da vida. Textos como a *Ilíada* parecem-me mais profundos e mais realistas, por muito que nos custe.

É verdade que estes poemas não nos dão sempre respostas agradáveis ou consoladoras. Do ponto de vista da *Ilíada* não há nada que compense o sofrimento ou a morte. Na *Odisseia* ainda é sugerido que algumas pessoas podem, depois da morte, receber o benefício de irem para as ilhas dos bem-aventurados, para os Campos Elísios, está lá a expressão «planície elísia», o que já é mais agradável de ouvir ou ler. [risos] Mas na *Ilíada* não temos nada disso. A morte é o fim.

Quem é o seu herói clássico favorito?

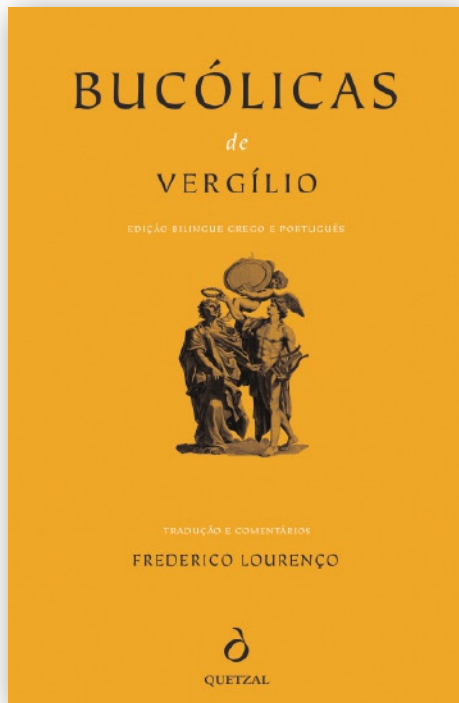
Diria que é Eneias. Não é nenhum dos heróis gregos, é Eneias, que é mais humano do que todos eles. E está-nos mais próximo, também, porque foi imaginado por alguém mais próximo de nós em termos temporais. O autor da *Eneida*, Vergílio, morreu em 19 a.C., portanto está quase já dentro da contagem do tempo cristão. Eneias é mais interessante, é alguém que se desenvolve e emociona. Os heróis gregos também têm emoções, mas não são emoções nas quais me reveja. Eneias tem um grande sentido de dever, passou por uma experiência muito forte de luto, porque perdeu o pai, a mulher, todos os que lhe eram queridos. E tem, ainda assim, de encontrar uma forma de continuar, um sentido, que pode não ser para a sua vida, mas que será para o povo que virá depois. Esse altruísmo é algo mais interessante do que Ulisses ou Aquiles, que vivem só para si próprios. Eneias percebe que há essa grande desvantagem de a vida ser um sofrimento, mas que ainda assim pode haver pessoas, que não ele, que beneficiem desse sacrifício, desse sofrimento.

Já que falámos de Eneias, sobre Camões, que julgo ser uma das suas paixões, ainda publicará algo?

Não digo que não. Não sei, não consigo prever o que vou fazer, mas continuo a ler Camões.

**«Estou rodeado de mortos! [risos]
Alguns mortos há mais de dois mil anos,
outros há dez ou quinze.»**

«A vida é sofrimento. Não sou eu que o digo, basta abrir o jornal de hoje ou ver o noticiário.»



Qual é o seu Camões preferido?

O que leio mais é *Os Lusíadas* porque esta obra está relacionada com o meu trabalho, sobretudo com a cadeira de poesia latina que leciono na Faculdade de Letras de Coimbra. Procuo constantemente coisas n'*Os Lusíadas*, com grande curiosidade: será que Camões também imitou este tema ou verso, este autor?

Mas também gosto muito das églogas, dos poemas pastoris – ou supostamente pastoris, porque na verdade são muito artificiais. Essas duas obras de Camões, *Os Lusíadas* e a *Poesia Bucólica*, são as minhas preferidas.

E qual é a sua frase preferida de toda a cultura clássica?

Assim de repente é difícil, não há nenhuma que me ocorra de forma imediata...

Se só pudesse traduzir um autor para o resto da vida, quem escolheria?

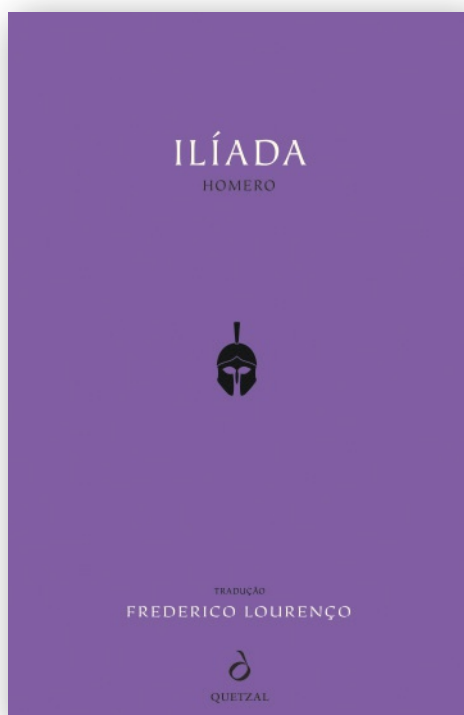
Teria de ser Vergílio, que é o meu autor preferido.

A propósito da morte de Reginald Foster, citou no Facebook uma frase dele: «Se Cícero não estiver no paraíso, então vou-me embora.» Cícero é um dos seus autores preferidos? Porque é que nunca publicou uma tradução dele, numa edição para um público generalista?

Sim, gosto muito de Cícero, mas em lugar de Cícero nessa frase poria Vergílio: «Se eu chegar ao céu e não encontrar Vergílio, então não vale a pena.»

Dante, cujos setecentos anos se celebram este ano, na sua *Divina Comédia* não permitiu que Vergílio entrasse no paraíso porque Vergílio não teve a possibilidade de ser cristão, morreu antes disso, em 19 a.C., com cinquenta anos (o que já era muito para a época). De qualquer forma, Vergílio tem de estar no paraíso.

Desde que leciona na área das Clássicas, tem notado alguma evolução no interesse dos alunos e do país pela cultura clássica?



«Sou um solitário e não faço parte de nenhum

Tenho notado que a sociedade civil está mais alerta para o interesse dos estudos clássicos do que há uns anos, sim. Os clássicos gregos e romanos continuam a ter um apelo enorme, o que não me surpreende, uma vez que eu próprio sempre senti esse apelo. Talvez as pessoas encontrem coisas neles, valores artísticos, que sejam permanentes e que valha a pena conhecer. É o mesmo que sentimos quando vemos um edifício como o Mosteiro da Batalha: não foi construído ontem, mas não há ninguém que não fique impressionado. Uma coisa tão fantástica e que ainda no século XXI nos deixa de boca aberta. As obras da Antiguidade têm esse apelo, também.

Antes das suas traduções da *Ilíada* e da *Odisseia* não havia uma tradução integral do original para o português. Essas traduções foram propostas suas?

Sim, foram. A ideia resultou do facto de ter lecionado Cultura Clássica em Lisboa, durante muitos anos. Esta cadeira era lecionada praticamente a todos os alunos da Faculdade de Letras, era transversal a quase todas as licenciaturas, cheguei mesmo a ter mais de duzentos alunos no mesmo ano! E todos os anos, todos nós, professores, tínhamos de dizer aos alunos que não havia uma boa tradução para português da *Ilíada* e da *Odisseia*. A certa altura comecei a pensar que não fazia sentido continuar a repetir isso (que eu próprio já tinha ouvido, enquanto aluno) até morrer, sem fazer nada para mudar a situação. Pensei que, em vez de dizer que não existia uma boa tradução, seria melhor traduzir a *Odisseia*. Boa ou má, mas pelo menos haveria uma tradução consultável, porque as traduções anteriores eram em prosa e a partir do francês, por isso não eram úteis para quem quisesse conhecer realmente os poemas.

Propuseram-me coisas desse género, mas nunca aceitei nenhuma. Propuseram-me uma tradução da *Eneida*, por exemplo, há muitos anos, mas disse que não porque precisei sempre de esperar pelo momento certo. É preciso muito estudo e muita segurança interior e científica, filológica, para empreender uma tarefa destas. E é também necessário ter tempo para fazer o estudo necessário. Não é o mesmo que traduzir um romance policial da Agatha Christie, por exemplo, que não requer estudo. Para fazer uma tradução da *Odisseia* é necessário muito estudo prévio, é preciso ler muita bibliografia, temos de nos inteirar de muitas

problemáticas, e há alturas da nossa vida em que não temos, nem essa apetência, nem essa maturidade, ainda.

É tradutor, professor, ensaísta, poeta e romancista.

O que lhe dá mais prazer?

Poeta, não diria. Publiquei dois livros de poesia. Os poemas que tinha para escrever, já os escrevi. Também já escrevi os romances que tinha que escrever. Foi basicamente um livro apenas, o *Pode um Desejo Imenso*. Não posso dizer com segurança o que será o futuro, mas nos anos mais próximos não prevejo escrever novamente romance.

Não tenho assunto, nem tema. Na altura em que escrevi essa ficção foi algo muito importante para mim, estava entusiasmado e não me envergonho de o ter escrito. São coisas que têm o seu lugar no meu percurso.

A propósito disso, perguntou-me há pouco qual era a minha frase favorita da cultura clássica e ocorre-me agora uma de Vergílio: «Nem todos podemos tudo.», em latim: «Non omnia possumus omnes.» Há nesta frase uma grande sabedoria. Não é possível ser ensaísta e poeta e tradutor e professor... ser tudo ao mesmo tempo, para mim, não é possível.

Gosto de ser professor no sentido em que gosto de ensinar. Aquilo de que gosto na profissão de professor é ensinar, mas se gosto de ser professor naquilo que isso implica na totalidade da profissão, isso não. Não gosto de avaliar alunos, corrigir exames... Seria ótimo se pudesse chegar à Faculdade e ensinar, apenas. A parte que me desilude sempre é essa de ter de avaliar os alunos, submetê-los a provas, não se pode dar as notas maravilhosas que as pessoas gostariam de ter... Não vou ter saudades nenhuma disso quando me reformar.

Em relação a traduzir, falámos há pouco da Professora Maria Helena da Rocha Pereira e ela dizia-me muitas vezes que não gostava de traduzir. Eu respondia-lhe que ela tinha traduzido as coisas mais difíceis que há para traduzir, traduziu a *República* de Platão, a *Antígona* de Sófocles, e ela respondia que o tinha feito porque era necessário, mas que na verdade não gostava de traduzir.

Eu ainda não descobri se gosto de traduzir. Gosto do contacto direto com a língua, isso adoro! Aquilo de que gosto mais na tradução é a visão que me permite ter

grupo porque não quero. Gosto de estar sozinho.»

por dentro do texto. É saber que, nestes textos, passei por cada palavra e tive de pensar sobre cada uma delas, encontrar a correspondência para cada palavra em português. Isso é muito enriquecedor. Não li apenas a **Odisseia** em grego; tive de encontrar, para cada palavra do poema, uma palavra em português. Da mesma maneira com os livros que já traduzi da **Bíblia**, do **Novo Testamento**, por exemplo: precisei de encontrar, para cada palavra do **Novo Testamento**, uma palavra, que tive de decidir qual era. Essa parte é interessante porque me obriga a compreender o texto a fundo.

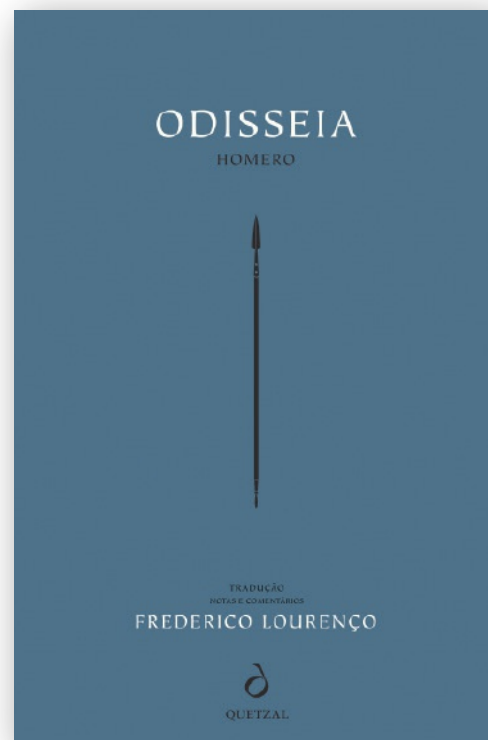
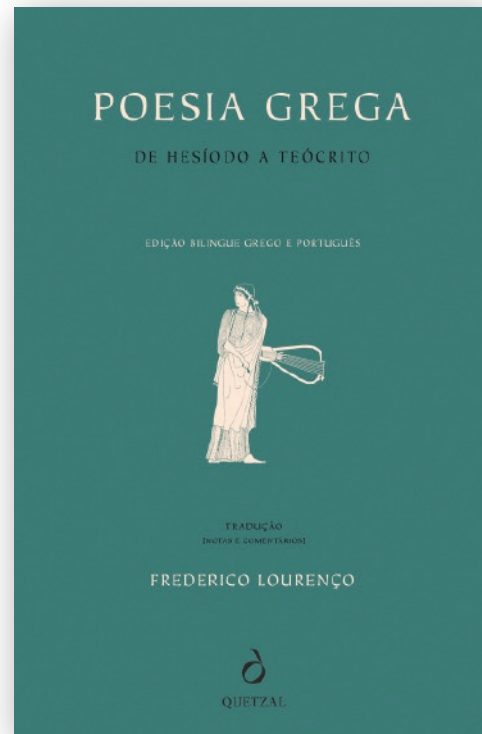
Há autores de ficção contemporâneos que leia assiduamente?

Leio muito pouco em português. É uma vergonha, mas é verdade. E creio que o autor português que mais leio é Camões. Gosto de muitos outros autores, adoro Sophia de Mello Breyner Andresen. A seguir a Camões, o autor português que mais leio é Sophia.

E podcasts? Rendeu-se a essa nova moda que ganhou força durante o confinamento?

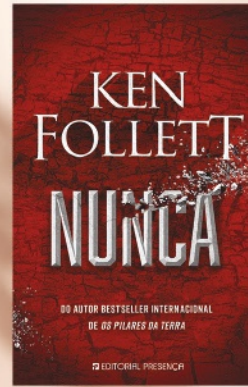
Não, a minha vida não mudou nada com o confinamento. Durante algum tempo as aulas passaram a ser dadas *online*, mas continuei a ir à Faculdade porque preciso de usar a biblioteca. A minha vida continuou a ser casa – Faculdade – casa, com ou sem confinamento.

Há algo que me custou, que foi o facto de não poder ver a minha família, a minha irmã, os meus sobrinhos... Mas, excetuando isso, os meus amigos são esses autores e compositores mortos, que me fazem sempre companhia.

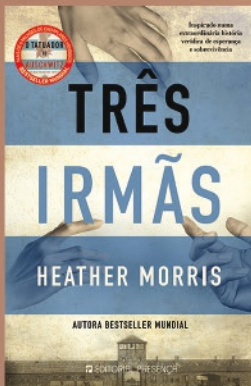




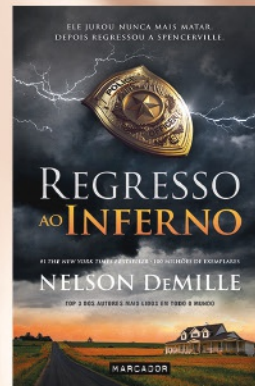
Pode o amor resistir à velocidade do tempo?
Novo romance do Autor Mais Vendido de 2020



O **regresso de Ken Follett** é mais do que um thriller.
E se isto pudesse mesmo acontecer?



A **conclusão da trilogia O Tatuador de Auschwitz**, inspirada numa **extraordinária história verídica** de esperança e sobrevivência.



Ele jurou nunca mais matar. Depois regressou a Spencerville. «Intenso, cativante, cheio de suspense... um enredo forte, **um thriller que transcende o género.**»
Washington Post Book World

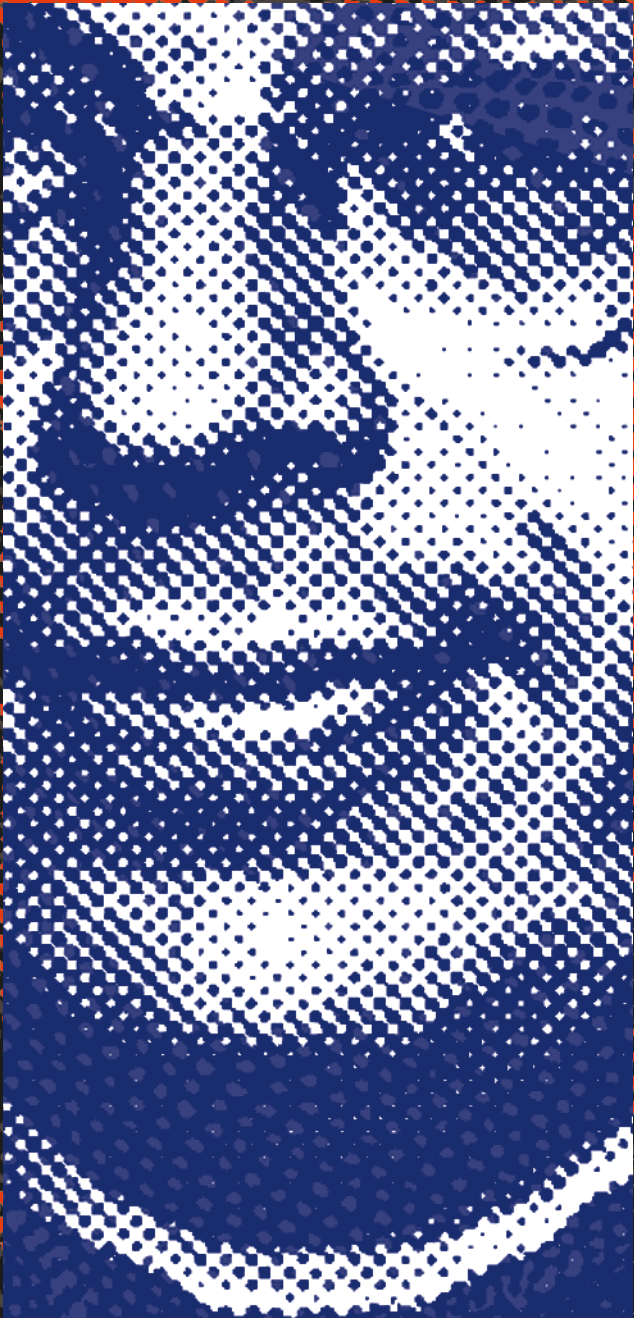


De **J. K. Rowling**, uma **história de Natal para toda a família**.
Um rapaz e o seu brinquedo estão prontos a mudar tudo...



Edição de colecionador, com ilustrações coloridas e elementos interativos como o Salgueiro Zurzidor, a Toca dos Weasley e muito mais. **Para os fãs de Harry Potter** de todas as idades!





O que aconteceu ao espírito da Ficção Científica?

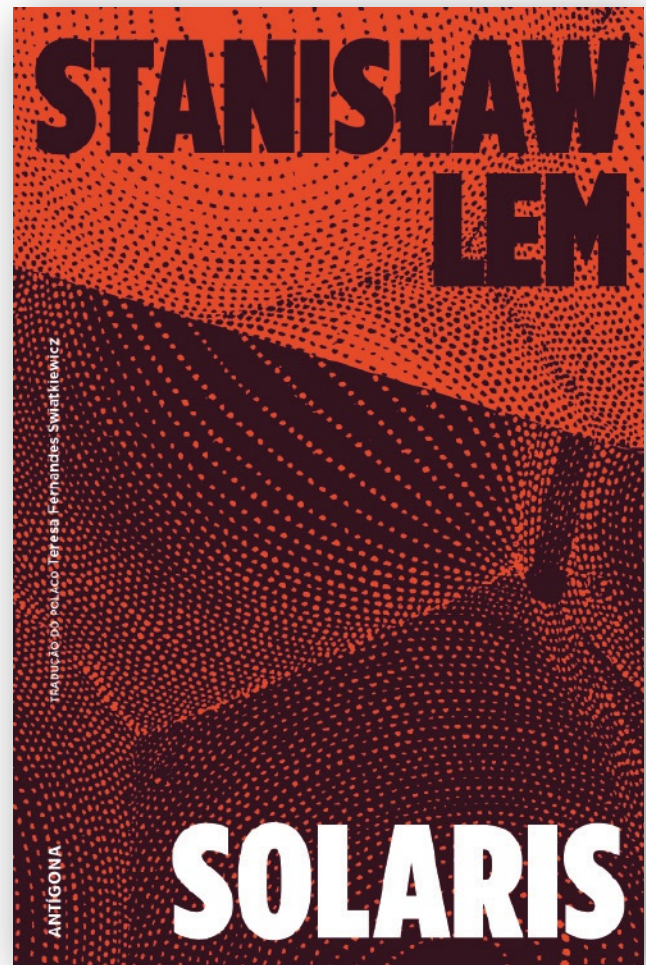
Assinalou-se este ano, a 13 de setembro, o centenário do nascimento do polaco Stanislaw Lem, um dos mais notáveis escritores de ficção científica do século XX (ao ponto de ter dado nome a um asteroide, o 3836 Lem). Oportunidade, pois, para visitar um género literário que quase desapareceu das livrarias portuguesas.

por Manuel Jorge Marmelo

Stanislaw Lem imaginou, em 1971, que o oitavo congresso da Associação de Futurologia se reunia em Nounas, na Costa Rica, no ano de 2098, a fim de procurar soluções para o excesso de população da Terra, que contaria naquele ano com mais de 69 mil milhões de habitantes. O meu exemplar dessa história, parte de uma tiragem de 12 mil livros feita pela Editorial Caminho em 1986, tem as páginas amarelecidas e descoladas, desconjuntando-se a cada dia que passa. Não sou capaz de imaginar, por isso, em que estado estará o livro em 2098. Talvez seja então verdade que os quartos de hotel do Hilton terão na porta dísticos anunciando que se encontram «livres de bombas», mas nem Stanislaw Lem terá sido capaz de adivinhar que já em 2021, apenas quinze anos depois da sua morte, tão pouca gente se interessaria pelos futuros que inventou nos livros que escreveu. Das várias obras de Lem que tiveram versão portuguesa, apenas **Solaris** foi objeto de uma edição recente, em fevereiro deste ano. Traduzido pela primeira vez diretamente do polaco por Teresa Fernandes Swiatkiewicz para a edição de 2018 da Antígona, o livro agora reeditado assinala simultaneamente o centenário do escritor, os 60 anos da publicação do livro e os 49 anos do filme homónimo de Andrei Tarkovsky, ainda hoje cultuado por cinéfilos de todo o mundo (Steven Soderbergh estreou uma nova versão em 2002).

Um século volvido sobre o nascimento de Stanislaw Lem, e cinquenta anos depois da edição de **Congresso Futuroológico**, o espírito da ficção científica, conforme lhe chamou Roberto Bolaño numa das suas novelas de formação, está longe de ter desaparecido. O século XXI tem, de resto, inspirado as mais variadas distopias futuristas a autores de *best-sellers* globais como Cadwell Turnbull, Peter Watts, Suzanne Collins, Ann Leckie, James S.A. Corey, Mary Robinette Kowal, Becky Chambers, Linda Nagata, N.K. Jemisin, Hannu Rajaniemi, Kim Stanley Robinson, Emily St. John Mandel, Nnedi Okorafor ou Andy Weir, a braços com os efeitos da emergência climática, a conquista de Marte ou o triunfo da inteligência artificial. Todavia, e porventura mais significativo, destes autores só Corey, Mandel, Okorafor, Jemisin, Weir e Collins estão (muito) irregularmente publicados em Portugal — os dois últimos, provavelmente, graças ao sucesso dos filmes **Perdido em Marte** e **Jogos da Fome**.

A possibilidade de a primeira edição de **Congresso Futuroológico** em Portugal poder contar hoje com uma tiragem inicial de 12 mil exemplares assemelha-se,



pois, a um cenário mais próximo da ficção científica do que da realidade nacional. Em 1986, porém, a coleção da Caminho era amplamente elogiada e contava até com o patrocínio de uma conhecida marca de cerveja, cujos anúncios ocupavam a contracapa de alguns títulos. Iniciada com **Memórias Encontradas Numa Banheira**, outro livro de Lem, a coletânea dos emblemáticos livros azuis da Caminho viria a desaparecer em 2003, tal como se extinguiram o prémio (de duzentos contos, mil euros na moeda atual, e uma edição de 15 mil livros) que a editora dedicava a este género literário, ou as coleções FC Europa-América, Nébulas e Argonauta. Esta última publicou um livro por mês durante mais de cinquenta anos. As tiragens chegaram a atingir os vinte mil exemplares e, mesmo na fase terminal, chegavam aos cinco mil livros.

Zeferino Coelho, editor da Caminho, justifica o fim da aposta na ficção científica com o baixo volume de vendas. «Não havia livro que não desse prejuízo. Os

apreciadores do género são poucos e em número insuficiente para pagar uma edição», diz.

«Surgem por vezes acontecimentos que fazem com que uma área de interesse relativamente marginal, como é o gosto pela ficção científica, se torne uma moda, e então aquilo que era inviável torna-se possível. Quando esse tempo passa, tudo se complica. O próprio facto de se aplicar a um livro a classificação de ficção científica pode afastar dele muitos leitores. Há editores que publicam ficção científica como sendo ficção *tout court*. A própria Caminho o fez», explica Zeferino Coelho.

Apesar das dificuldades que o género enfrenta, a portuguesa Livia Borges acaba de publicar **Futuro**, explorando as dificuldades de sobrevivência de um grupo de pessoas habitando um mundo devastado e invadido por criaturas desconhecidas, e em luta para manter a humanidade e os seus princípios. «É muito curioso que o livro seja lançado no meio da pandemia de COVID19, que nos coloca as mesmas questões todos os dias, no mundo real, em que precisamos de reagir e de procurar novas formas para viver (e até sobreviver)», reflete a autora.

Livia Borges acredita, aliás, que existem leitores em Portugal para a ficção científica, como para outro género qualquer, e que o aparente desinteresse está sobretudo relacionado com as especificidades do mercado nacional. «Um livro precisa de chegar aos leitores, tem de se mostrar, de desafiar as pessoas que normalmente não leem ficção científica, por exemplo. Nas grandes distribuidoras de livros vemos quase sempre os mesmos temas em destaque».

«Existe também — acrescenta Livia Borges — o estigma de que a ficção científica é um género de nicho, consumido apenas por um tipo específico de leitor. Haverá que combater isso com a colaboração do mundo editorial, obviamente. Deverá apostar-se em mais escritores portugueses, alargar a oferta de livros e que estes cheguem ao público leitor com a devida promoção para que haja a curiosidade de lê-los».

João Aniceto, que venceu a primeira edição do Prémio Editorial Caminho de Ficção Científica e lançou seis títulos entre 1983 e 1993, não voltou a publicar depois do escândalo da hemodiálise no Hospital de Évora, onde era responsável. Dedicou as últimas linhas do romance **O Quarto Planeta** também ao futuro e à sua localização. Fica, escreveu, «para lá do círculo de luz» que o conhecimento do Homem vai progressivamente alargando. No infinito e mais além, portanto. Ou onde apenas chega a imaginação.



Matt

Entrevista

Matt Haig é autor de alguns dos bestsellers mais originais dos últimos anos: num dos seus livros, um extraterrestre ocupa o corpo de um homem (muito pouco simpático) que acabou de morrer, para descobrir depois o quão difícil é assumir a pele de alguém que fez mais inimigos do que amigos. Noutro, um professor do ensino secundário sofre de uma rara condição que lhe permite viver durante séculos, o que não o impede de se apaixonar por uma mulher que, ao contrário dele, tem os dias contados. E no seu romance mais recente, *A Biblioteca da Meia-Noite*, a personagem principal tem a possibilidade de voltar atrás na vida e fazer as coisas de forma diferente. Quem não gostaria de ter este superpoder e evitar assim os remorsos que nos atormentam? Fomos falar com o autor para saber mais.

Entrevista



O seu site oficial tem como título a frase «Os livros são os nossos mapas.» O que é que isso significa exatamente?

Esse título já está no meu site há bastante tempo e surgiu porque para mim os livros têm funcionado realmente como mapas, no sentido em que me levaram a uma melhor compreensão de mim mesmo e me ajudaram a sair de situações difíceis, no que diz respeito à saúde mental, por exemplo. Ler e escrever foram uma parte muito importante da minha terapia e da minha recuperação.

Recentemente, durante a pandemia, li muitos livros de filósofos antigos, gregos e romanos, que ainda me parecem atuais. Estou constantemente a descobrir que ainda tenho muito para aprender, novos locais para descobrir nesse mapa, que continua a aumentar à medida que envelhecemos. Quanto mais lemos, mais o mapa de nós próprios se torna preciso. É como os mapas antigos, do século XVI, criados no tempo de Colombo, em que grande parte do mundo ainda era desconhecido. Depois, gradualmente, os mapas foram-se tornando mais precisos.

Referiu a questão da saúde mental e o facto de os livros o terem ajudado a esse nível. Acha que a forma como a nossa sociedade vê esses problemas tem evoluído?

Mudou, sem dúvida. Sinto alguma relutância em dizer que melhorou a todos os níveis, porque não me parece que seja o caso. Às vezes é perigoso pensar que, porque se fala mais de saúde mental, isso significa que compreendemos melhor o tema.

Mas há algo muito positivo, que é o facto de, há vinte anos, se pensássemos em alguém com uma doença mental, a tendência era pensarmos em alguém que se tinha suicidado, como Sylvia Plath, Kurt Cobain ou Van Gogh. Ainda agora há tragédias, obviamente, mas essa já não é a narrativa principal no que diz respeito à saúde mental. A narrativa principal é a de pessoas que não têm uma saúde perfeita, mas que sobrevivem, prosperam e falam abertamente da sua experiência. Isso é muito bom, ajuda pessoas na mesma situação. Lembro-me que quando estava com uma depressão, a história da depressão em si mesma era deprimente. Era jovem, sensível e muito centrado em mim mesmo, e pensava: «Sou demasiado sensível para este mundo!», ou: «Sinto a falta de artistas trágicos!», e outras baboseiras do género. Era uma ideia culturalmente muito forte, mas muito perigosa, também. Se falamos de saúde mental enquanto

saúde apenas, muito desse estigma e dessa aura de mistério desaparecem.

Na minha experiência, a linha entre saúde mental e saúde física é tão ténue! Há tantas coisas físicas que têm uma dimensão psíquica... Por exemplo, o stress pode provocar dores nas costas, tinnitus, etc. É físico, mas também é mental. E o que é a nossa mente? É o nosso cérebro, por isso faz parte do nosso corpo. O que me parece importante, sobretudo enquanto homem, é falar acerca disso sem vergonha e encorajar outras pessoas a aperceberem-se de que é algo terrível, mas não é embaraçoso. Faz parte de ser humano. Basta pensarmos nas pessoas que tiveram doenças mentais: lutadores de boxe, astronautas, líderes mundiais, atletas, artistas, músicos...

Disse há pouco que escrever o ajudou a esse nível, mas quando é se apaixonou pela escrita?

A parte da escrita de que mais gosto é o primeiro manuscrito. Não gosto da parte de edição, mas quando escrevo com uma ideia ainda fresca na cabeça... é maravilhoso! Sempre gostei de inventar histórias. Esses momentos em que nos perdemos no nosso próprio mundo... essa é a parte mais excitante da escrita, sem dúvida.

Quando era adolescente não tinha a ambição de vir a ser escritor, mas a verdade é que não tinha ambição nenhuma. Era muito nervoso e não tinha grande autoestima. Foi uma das razões por que aos 24 anos tive um esgotamento e fiquei doente.

E, de uma forma muito estranha, a minha recuperação de uma depressão com tendências suicidas, crises de pânico e agorafobia deu-me confiança. Quando estava doente sentia que era impossível melhorar e ultrapassar a depressão. Mas, como consegui fazer



«O caminho para o sucesso, no meu caso, fez-se de cartas de rejeição.»

isso, que era algo que a minha depressão me dizia ser impossível, depois pensei: «Se consegui fazer isto, posso fazer outras coisas impossíveis! Posso publicar um livro! Isso não é nada, é facilímo quando comparado com sobreviver a uma depressão». Não sei se é verdade, se é realmente mais fácil publicar um livro, mas foi o que senti na época.

Se começasse a escrever agora não teria a mesma confiança, mas nessa altura pensei que nunca poderia ter um trabalho normal, das nove às cinco, porque ficaria outra vez doente. Tinha de ser algo que pudesse fazer em casa. Sempre gostei de escrever, portanto, porque não fazer disso uma profissão?

Fazia alguns trabalhos como jornalista, para ganhar dinheiro, e depois escrevia ficção. E enviava os meus romances para as editoras, mas recebia cartas de rejeição umas atrás das outras. Recebi à volta de sessenta, uma pilha enorme, mas não importava. É um pouco estranho, mas naquela época encarava isso como parte do processo. Todos os escritores publicados já passaram por isso. O caminho para o sucesso, no meu caso, foi feito de cartas de rejeição. Foi esse o meu curso de escrita criativa, porque às vezes um agente ou uma editora respondiam com comentários ou sugestões, falando do que tinham gostado e do que não que lhes agradava. Quando achava que tinham razão fazia alterações ao manuscrito e tentava de novo.

Para ser escritor é necessário talento, mas também é preciso ter determinação e resiliência. É difícil porque, para escrever bem é preciso ter alguma sensibilidade e prestar atenção ao que se passa à nossa volta, mas, depois, para ser publicado é necessário ter uma carapaça dura. É uma espécie de paradoxo. Temos de fazer dois papéis diferentes: quando escrevo, escrevo o que quero, a minha verdade, não penso no mercado ou nos editores. Mas depois tenho de assumir outro papel e «vender» o livro aos editores.

Já publicou romances, livros para crianças e autoajuda. Há grandes diferenças na escrita desses géneros?

Cada livro é diferente, a questão não é tanto o género, mas a história. Escrever um livro infantil pode ser muito

semelhante a escrever um livro para adultos, nos dois casos estamos imersos numa história...

A vantagem de escrever ficção em relação a escrever não ficção é que, de certa maneira, podemos ser mais livres e verdadeiros. Há uns anos escrevi **Razões para Viver**, que é um livro autobiográfico. Tenho orgulho neste livro, em que falo acerca dos meus pais, da minha irmã, do meu casamento... é tudo verdade, mas há coisas que tive de deixar de fora porque tinha medo de magoar alguém. Quando escrevemos ficção, pelo contrário, podemos contar tudo, podemos vingar-nos... [risos] Basta mudarmos os nomes das personagens. [risos] Quando comecei a escrever **A Biblioteca da Meia-Noite**, a personagem principal era um homem. Mas não estava a funcionar e sabia-o, porque estava sempre a mudar o nome do protagonista. Se estou a escrever um livro de ficção e sinto necessidade de mudar o nome do protagonista constantemente, isso é um mau sinal. No caso de **A Biblioteca da Meia-Noite**, não estava a funcionar porque estava a escrever acerca de mim mesmo. E é difícil vermo-nos como uma personagem. É como o facto de não sabermos exatamente qual é o nosso aspeto... sabemos qual é o aspeto dos outros, mas não sabemos como somos vistos de fora. Depois mudei o protagonista, que passou a ser uma mulher, a Nora, atribuí-lhe uma idade ligeiramente diferente, e a partir daí tornou-se realmente numa personagem e pude pôr nela mais de mim porque já não era eu, funcionava como uma espécie de escudo.

Nesse livro, precisamente, *A Biblioteca da Meia-Noite*, a protagonista, Nora Seed, depois de tentar cometer suicídio, dá por si no limbo entre a vida e a morte, numa biblioteca onde o tempo não avança. De onde surgiu essa ideia para uma biblioteca com estantes que se movem sozinhas e livros que representam diferentes possibilidades na vida da mesma pessoa? Sabe de onde vêm as ideias para os seus romances?

Não, de facto não sei. Lembro-me de ter a ideia para a história e para o título, que me surgiram ao mesmo tempo. Mas, antes disso, já há muito que queria escrever uma história sobre vidas paralelas e remorsos.

«Quando estamos a contar uma história, se há uma dimensão trágica, devemos começar pela tristeza e partir daí.»

Mas há tantos livros e filmes em torno dessa ideia, é um tema tão gasto... Para escrever uma história sobre isso tinha de trazer algo novo, por mais ínfimo que fosse. Há um conto de Borges acerca de uma biblioteca infinita. Lembro-me de ler essa história quando estava na faculdade e de pensar: «E se pegar na ideia de uma biblioteca infinita, mas, em vez de ser acerca de livros, palavras e linguagem, for acerca da vida?». A ideia foi surgindo gradualmente.

Não tenha ideias muito claras acerca de religião, por isso não queria escrever sobre o céu ou sobre Deus, mas sinto um fascínio pelo limbo entre a vida e a morte. E creio que é possível ler este livro sendo ateu, católico devoto, o que quer que seja, creio que a história não interfere com a visão de mundo de ninguém.

Fez muita pesquisa para escrever acerca das diferentes vidas de Nora? Numa delas Nora é uma cientista no Ártico, noutra é uma estrela de rock, por exemplo.

Não falei com profissionais de todas as áreas, mas fiz muita pesquisa.

Relativamente à estrela de rock, tenho um amigo com quem trabalhei num álbum de música para o meu livro **Razões para Viver**. Esse amigo é uma estrela de rock, fez parte da banda Razorlight, que era muito famosa no Reino Unido, uma das suas canções foi número um dos tops, andou em digressão com os Muse... enfim, conheço pessoas que já fizeram parte desse mundo e sempre me fascinou a diferença que existe para quem o vê de fora e quem faz parte dele. Raramente conheci alguém desse mundo com quem gostasse de trocar de lugar. É tudo tão intenso e esgotante em termos mentais...

Tenho muitos remorsos no que toca à música, porque até aos meus catorze anos era muito bom no piano e depois deixei de tocar por razões estúpidas, como ter aulas à sexta à noite, quando os meus amigos iam fazer coisas mais divertidas. Deixei de tocar durante muito tempo, mas voltei ao piano no ano passado. Sempre senti remorsos por ter abandonado a música, por isso achei que seria divertido criar uma vida em

que Nora tivesse a ambição de vir a ser uma *rock star*. Mas o que implicou mais pesquisa foi sem dúvida o segmento do romance em que Nora é uma especialista em glaciologia e vive no Ártico. Sempre tive um fascínio pela Noruega e por países muito frios, mas não sabia nada acerca do tema. Apesar de não ser uma parte muito longa do livro, tive de fazer pesquisa como se fosse escrever um romance inteiro acerca do assunto.

Às vezes, ser romancista é isso, também: conseguir fazer com que pareça que sabemos mais acerca do tema sobre o qual estamos a escrever do que realmente sabemos.

No início do romance o gato de Nora morre e para ela essa é a gota que faz transbordar o copo.

Sim, sinto-me mal com isso porque em todas as diferentes vidas de Nora o gato acaba sempre por morrer. Mas, quando estamos a contar uma história, se há uma dimensão trágica, devemos começar pela tristeza e partir daí.

E a Nora aprende uma lição importante com isso: não importa quão bem cuide do gato, ele acaba sempre por morrer.

Sim. É importante percebermos que nem tudo acontece por nossa culpa. Atualmente somos tão encorajados a sentirmo-nos mal: com o nosso trabalho, com o nosso aspeto, as nossas relações... Tudo é visto como imperfeito ou incompleto, falta sempre qualquer coisa. Se somos casados, a vida de solteiro é que é boa; se estamos solteiros, tudo o que queremos é casar. Somos encorajados a invejar o que não temos.

A economia capitalista depende disso. Se fôssemos completamente felizes e estivéssemos satisfeitos com tudo, não compraríamos tanto. A economia depende de um certo grau de insatisfação e infelicidade.

A vida em que Nora é casada, tem uma filha e tira uma licença da Universidade para ficar em casa a escrever, está mais próxima da sua própria rotina?

Sim e não. Não estava consciente disso enquanto escrevia, mas a relação que ela tem com a filha, Molly, sim, é-me muito familiar. Ser acordado a meio da noite pelas crianças... isso é bastante autobiográfico. [risos] Mas acho que essa vida não é exatamente como a minha, é mais intelectual, digamos. Atualmente vivo com a minha família numa cidade perto do mar e temos uma vida mais relaxada, *easy going*, enquanto a vida de Nora é a de uma professora universitária, é mais séria. Essa parte do romance foi a mais difícil de escrever. Apesar de não ter implicado muito trabalho de pesquisa, foi bastante difícil encontrar o tom certo. Quando estamos a escrever sobre uma vida de fantasia em que há algo de errado e isso é muito evidente, é fácil, é como se fosse uma pequena fábula. Mas escrever sobre uma vida que não é a mais adequada e que ainda assim parece perfeita de quase todos os ângulos acaba por ser mais difícil e doloroso. Também há a questão da filha. Se ela não escolher ficar nessa vida, abandona uma criança... essa foi a parte mais emocional.

E qual foi a mais divertida de criar?

Foi muito divertido tornar o primeiro namorado dela uma pessoa horrível. É assustadoramente fácil para mim criar personagens de homens desprezíveis. [risos] E outras vidas de que geralmente os leitores não falam, porque ocupam apenas algumas páginas do livro, mas que são mais sonhadoras, de certa forma... pequenos vislumbres de uma vida, como aquela em que Nora tem uma vinha na Califórnia. Gosto muito dessa e também da vida em que ela trabalha com cães. E do segmento em que Nora vive na Austrália: era como se nos imaginasse, a mim e a minha família, de férias. Mas desde que terminei o romance estão sempre a ocorrer-me outras ideias. Uma vida em que ela fosse *chef*, por exemplo, creio que teria sido interessante.

O que é curioso é que os leitores não falam acerca das vidas que criei. Falam acerca das vidas que eles próprios desejavam ter tido, do que desejavam ter feito de forma diferente... Gosto do facto de as pessoas pensarem no romance como um conceito e de terem a sua própria versão dele.

A dado momento do romance, é-nos dito que Nora é mais feliz nas vidas em que usa menos as redes sociais. Acha que existe uma relação entre as duas coisas?

Sem dúvida! Tive dois meses maravilhosos este ano em que não usei o Twitter. Foi fantástico. Agora sei que é possível: consigo viver sem o Twitter. Este ano, por razões de diversa ordem, sinto uma pressão para estar presente nas redes sociais: por causa dos livros e também porque vai ser lançado um filme para crianças que é uma adaptação de um dos meus livros infantis. Mas, depois disso, tenho a fantasia de na véspera de Ano Novo ir ao Twitter e apagar a minha conta. [risos] Não é uma promessa, mas estou a trabalhar nesse sentido: apagar o Twitter. Vou manter o Instagram, que aparentemente é mau para a saúde mental de muita gente, sobretudo para os jovens, que estão sempre a comparar-se com o que veem, mas eu já desisti de me comparar com homens de 22 anos que vão ao ginásio quatro horas por dia. Não vai acontecer, já ultrapassei isso. [risos] Gosto bastante do Instagram, porque os meus seguidores são muito simpáticos. Poderá ser falso, mas prefiro que as pessoas finjam que são simpáticos do que ser falso no que quer que seja que é o Twitter. Fingir fúria e raiva. Mas ainda assim acho que de uma forma geral passamos (eu passo) muito tempo nas redes sociais. As gerações futuras olharão para nós da mesma forma que olhamos para os nossos avós que fumavam oitenta cigarros por dia. Comer *fast food*, fumar...

«Quando escrevemos ficção, podemos contar tudo, podemos vingar-nos... [risos] Basta mudarmos os nomes das personagens.»



Não estou a dizer que não deveria existir *fast food* ou que deveríamos prender todos os fumadores. Não é isso, é perceber que comer só *fast food* não é bom. Da mesma forma, se passarmos seis horas de um sábado de manhã, sem sair da cama, só a fazer *scroll* no smartphone, isso também não é saudável. Não é bom nem física nem mentalmente.

O pior de tudo é a forma como as pessoas se tratam umas às outras *online*. Esquecem-se de que somos todos seres humanos, não é possível ter uma conversa em que as pessoas se respeitem umas às outras, é assustador. E as ramificações disso, a forma como interagimos. Não sou perfeito, tenho tido muitas discussões sobre política *online*, mas a questão é que nunca ganhamos essas discussões. Tudo o que fazemos é arrear ainda mais a opinião da outra pessoa. Também não quero dizer que não se deva discutir política nas redes sociais, pelo contrário: para movimentos de direitos humanos, etc., é excelente. É a forma como o fazemos. Não tenho todas as respostas, mas sei que as redes sociais afetam a minha saúde mental, por isso estou a tentar usá-las de forma mais consciente e ter apenas um local *online*. As redes sociais não mudam as pessoas, mas trazem ao de cima o pior de nós. E os media, como os jornais, agora usam muito as redes sociais, o Twitter, por exemplo, como fonte.

Creio que as gerações mais novas, apesar de estarem muito presentes nas redes sociais, estão mais conscientes das questões de saúde mental que lhes estão associadas.

A Sra. Elm, que guia Nora nesta biblioteca tão especial, diz-lhe que as coisas pequenas são muito importantes. Acha que a vida é feita mais de pequenos prazeres do que de grandes acontecimentos?

As pequenas coisas nunca são realmente pequenas. Esquecemo-nos muitas vezes do milagre que é estarmos vivos, mas se só pudéssemos ver o céu à noite um dia por ano, por exemplo, íamos olhar para ele e pensar em como é bonito, ficaríamos ali, apenas a olhar para cima.

Damos por adquirida toda a beleza deste mundo, mas os livros podem ajudar a lembrar às pessoas quão mágica é a vida. É uma luta, e está cheia de sofrimento, há muita coisa negativa, mas temos de tentar lembrar-nos de que a perfeição não existe e que o que parece muitas vezes uma vida perfeita poderia ser uma vida de pesadelo, se a vivéssemos.

Cada vida tem em si o mesmo espectro de emoções

«Talvez o dia perfeito seja um dia em que não pensamos no que é um dia perfeito.»

humanas. A rácio dessas emoções muda, mas todos vivenciamos as mesmas emoções. *Reality shows* como o *Britain's Got Talent* quase nos fazem crer que a vida «normal»   algo de que temos de fugir. Se nos tornarmos famosos, então sim, entramos num mundo mágico, no mundo de verdade. Mas já estamos num mundo mágico! As pessoas que conseguem um contrato para fazer um disco e que se tornam nos One Direction não vão ter emoções diferentes das dos outros seres humanos. V o continuar a ter as emoções que sempre tiveram. Somos tão encorajados a pensar que somos banais e mundanos, que perdemos a perspetiva. Estar vivo é um milagre. Quando olhamos para um beb  e sentimos o milagre que é, o que estamos a fazer é olhar para um ser humano como algo extraordinário. Podemos ser beb s maiores, menos fofos, mais confusos, mas continuamos a ser beb s nesse sentido, somos um milagre. Devemos ser mais gentis connosco e com os outros e dar o devido valor às coisas pequenas.

O que é um dia perfeito para si?

Sol, que é algo que não temos muito em Inglaterra (em Portugal têm muitos mais dias perfeitos, segundo este meu critério); sair de casa com a minha família (vivo com a minha mulher, Andrea, e com os meus filhos Lucas e Pearl); e comer algo bom; não pensar em trabalho e passar pouco tempo ou mesmo nenhum no Twitter. Talvez um copo de uma bebida agradável. Há dois dias bebi demasiado Aperol Spritz, por isso esta semana estou a água. [risos]
Talvez o dia perfeito seja um dia em que não pensamos no que é um dia perfeito. Quando olhamos para tr s e pensamos nos momentos mais felizes da nossa vida, nunca são os momentos em que estávamos ativamente a tentar ser felizes. São aqueles em que acontece, por acidente, sermos felizes. Quando pensamos nos momentos que passámos a dançar, a rir, a sorrir ou a ter uma conversa fantástica, não é porque estivéssemos a esforçar-nos para isso, estávamos simplesmente a fazê-lo.
A Sra. Elm, no livro, diz que a única forma de o fazer   viv -lo. Acho que é isso. Não ande em torno da sua vida, viva-a, simplesmente.

Qual foi o último livro que leu e adorou?

Vou ser chato e dizer que são dois. [risos] Reli as **Cartas a um Jovem Poeta**, de Rilke. Rilke, o poeta alemão, escreveu em 1902 dez cartas a um jovem poeta, cartas reais, cheias de conselhos sobre a vida, o amor, filosofia, sexualidade, política... está tudo lá. Para mim esse é o livro definitivo de autoajuda. Outro livro brilhante que li recentemente   de uma budista americana e tibetana, chamado **Quando Tudo se Desfaz**. Em Inglaterra o livro tem uma capa terrvel! Parece um livro de 1990, mas recomendaram-mo e   brilhante. É acerca da incerteza e de aceitá-la como parte da vida, vê-la como algo positivo. No Ocidente a tendência   vermos as coisas que fogem ao nosso controlo como algo negativo.

Em setembro passado lançou um novo livro em Portugal, **O Livro do Conforto**. Pode falar-nos um pouco desse livro?

É um livro muito diferente. Não é um romance, é um livro sobre como lidar com os tempos dificeis, em que falo de todas as coisas que me trazem conforto: comida, música, filosofia, citações de outros autores, meditação... O tipo de coisas curtas que geralmente publico no Instagram. Depois há também capítulos mais longos. É o tipo de livro que podemos abrir à sorte, não tem de ser lido de uma ponta   outra, de forma contínua.

Em termos de escrita foi algo completamente novo para mim. Tinha acabado de escrever **A Biblioteca da Meia-Noite** e queria fazer algo diferente, por isso escrever **O Livro do Conforto** foi muito libertador. Foi divertido e reconfortante, especialmente durante a pandemia, em que nas notícias tudo era tão assustador. Queria escrever algo que fosse o contrário disso. Tudo o que aprendi ao recuperar de uma doença mental e com outras pessoas, filósofos, psicólogos, etc. A ideia é que seja algo reconfortante e leve.

Um Porto

Por
Álvaro Curia e Ludgero Cardoso

@Literacidades

de Perdição

Quem visita o Porto ou quem escolhe a cidade como casa temporária, amiúde nos refere que Portugal está ao contrário, face à sua irmã Espanha e à sua prima Itália. Se nessas parentes é mais a Sul que encontramos, em maior escala, o sangue na guelra, as mãos à cintura, as emoções aos gritos e uma paleta de sensações capazes de marcar pontos nos sismógrafos, em Portugal é mais a Norte que descobrimos tudo isto no seu esplendor. No epicentro do país à flor da pele, o Porto assume o seu papel de boca de vulcão das palavras todas da língua, dos braços abertos que depois se fecham em beijos repenicados. Não parecerá estranho, portanto, que consideremos o Porto uma cidade cenário. O Porto como cidade literária, palco de romances, de paixões desabridas e desavindas, de grandes soluções e destemidos factos. Sempre a rodear, mas sempre sem rodeios, surge o título de um livro que dá nome a um largo da Invicta: *Amor de Perdição*, cuja «portuensealidade» (chamemos-lhe assim à falta de melhor vocábulo) exala quais poros dilatados. Camilo Castelo Branco ensaia o drama minhoto do século XIX, mas é no Porto, verso ao Douro, que a ação conhece a sua principal glória. Vamos descobri-la?

A construção do amor de perdição

São conhecidos os factos: Camilo escreveu este livro em cerca de quinze dias. Alguns referem dezassete, número da autodisciplina, acrescentando dois dias à trágica história de amor de Teresa e Simão. E Mariana. Mas já lá vamos. O autor aguardava julgamento na Cadeia da Relação, atual Centro Português de Fotografia, em plena Cordoaria. Se a cadeia ainda era cadeia mas já não o é agora, ainda faltariam quatro anos ao jardim da Cordoaria para o ser. Quando Camilo estava encarcerado, usando o seu tempo para escrever livros (*O Romance de um Homem Rico* e parte de *Doze Casamentos Felizes* foram também fruto do muito tempo que Camilo tinha à disposição), em frente do imponente edifício não existia jardim.

Ao vir à janela, se não optasse pela vista para Sul e quisesse mudar de ares, Camilo veria daí o Campo do Olival ou dos Mártires da Pátria, a cordoaria do Bispo e o Mercado do Anjo, feira diária. Companhia das contemplanções de Camilo à janela da prisão já era, no entanto, a famosa «árvore da forca», um ulmeiro tricentenário, que ainda hoje lá está, pois foi a única grande árvore que resistiu ao ciclone que desfez todo o jardim em 1941. Talvez a árvore mais injustiçada da Invicta: nunca matou ninguém e todos lhe atribuem um pendor assassino.

Quanto a Camilo, a sua pena seria por amor, pois claro. Ali, noutra canto da cadeia, estava Ana Plácido e os dois estavam presos por adultério, aguardando julgamento. Mas recuemos no tempo e vejamos como a vida de Camilo é ela própria uma novela folhetinesca.

Camilo, «que personagem!»

Nascido em Lisboa, filho de «mãe incógnita», órfão de pai e mãe aos dez anos, foi uma tia de Vila Real quem pegou no rapaz e o trouxe para o Norte. Mas a tia não se demorou: logo passou a incumbência do alfacinha para uma sobrinha e esta para os padres. Eternamente insatisfeito com a vida que lhe calhara, não é de admirar que Camilo se tivesse casado logo aos dezasseis anos, para rapidamente começar a colecionar amores. Consta que, entre as amadas, houve até algumas freiras – Camilo era decididamente atraído pelas mulheres comprometidas. Esta ânsia de amor só ganhou algum refreio quando conheceu Ana Plácido, casada, e dela se enamorou. Reza a lenda que Camilo raptou Ana e andaram a monte algum tempo, tendo sido depois descobertos e levados para a Relação. Não se teriam lembrado que, à altura, o adultério era crime punível com pena de prisão?

Camilo era uma personagem ele próprio. Quando saiu da prisão, inocentado, foi viver com Ana Plácido para a casa que era do marido desta, entretanto falecido, e que tinha sido deixada ao filho de ambos, entretanto falecido também. Camilo e Ana passaram a viver, então, na casa de São Miguel de Seide, comprada pelo tal a quem ambos tinham traído. Nasceram dois filhos do casal e, para sustentar a crescente família, Camilo viu-se obrigado a escrever de forma frenética, vivendo exclusivamente dos seus escritos. Viveu parcamente, raiando a pobreza. Mas não eram apenas os filhos quem tinha de sustentar: conta um amigo que Camilo passou a ir amiúde à Povoia de Varzim, onde caiu de amores por uma bailarina espanhola, por quem se endividou ao ponto de ter de jogar e contrair dívidas astronómicas, na altura cordialmente apelidadas de «dívidas de honra». Em 1888 tudo levava a crer que Camilo tivesse acalmado. Casou-se com Ana Plácido mas foi preciso que o fossem resgatar às ruas no dia do seu próprio casamento. Na visita à Casa de Camilo, em São Miguel de Seide, contam-nos que o escritor não fazia grande questão de contrair matrimónio e que no dia da boda saíra, deambulando pelas ruas, fazendo-se de esquecido. Um fim trágico para o nosso anti-herói: a cegueira e a sífilis acabaram por debilitá-lo ao ponto de se considerar «o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa n'este país durante quarenta anos de trabalho». Abandonado pelos amigos, amparado por Ana Plácido, às 15h15 do dia 1 de junho de 1890 Camilo deixou que o médico que o consultava em casa se dirigisse à saída com Ana e, sem que ninguém percebesse, desolado pela falta de esperança, pegou num revólver e deu um tiro na têmpora direita, pondo assim fim à vida. O seu corpo repousa no cemitério da Lapa, no Porto.

Uma história de amor sem tempo

Seria injusto, no entanto, pensarmos em Camilo por estes seus últimos tempos. Ficamos antes com a ideia de que escolheu a forma como quis viver, envolveu-se nas lutas que lhe eram caras e não se importou de pagar pelos seus erros. Pelo caminho, escreveu aquele que é considerado o principal livro do Romantismo português. À semelhança da sua vida, também este romance é sobre o impulso da paixão. Mas não só.

Amor de Perdição conta a velha história de um amor proibido entre um rapaz e uma rapariga de famílias desavindas. Talvez esta história não fosse tão velha assim à altura em que Camilo a escreveu, mas o facto é que há muito mais a reter desta novela do que um esquema de paixão.

Um dos grandes temas da obra mais conhecida de Camilo passa pela recusa de Simão em aceitar o que, hoje, chamaríamos de «a cunha do pai» e se sujeitar à pena do degredo, castigado pelo assassinato de um pretendente da sua amada. Se ainda hoje não é fácil perceber como o jovem não se deixa seduzir pela facilidade com que o pai lhe quer tirar o peso desta morte das costas, na altura a decisão de Simão é ainda mais inovadora. Trata-se de uma atitude que, mais do que dizer do carácter da personagem, diz da sociedade em que se insere: um contexto onde o dinheiro e os conhecimentos podem ilibar o homem até dos crimes mais hediondos. Não obstante, a rebeldia de Simão leva-o a repudiar o arranjo, crente de que assim se manterá fiel aos seus princípios e à carga emocional que deposita na paixão que sente por Teresa. De alguma forma desculparem-lhe a pena seria, também, menorizar o sentimento que o unia à filha da família rival.

Outro elemento-chave para compreender **Amor de Perdição** é o ensaio autobiográfico que ele comporta. Já sabemos que Camilo era homem de paixão fácil. Mas não o imaginamos a enfrentar o degredo por uma dama: era mais de se enamorar, de não resistir às carnes e, depois, de viver a congeminar uma forma de se livrar de mais um leito. Mas é facto que arriscou a prisão pelo seu amor a Ana Plácido e que foi contra a sociedade ao afirmar que este era não era um *amor magia*, que desaparece com a aurora, mas antes uma daquelas relações pelas quais vale a pena lutar. Não sabemos se Camilo seria ou não homem de se atirar ao degredo por amor mas talvez o fosse o seu tio, homónimo da personagem masculina central de **Amor de Perdição**: o Simão Botelho que existiu na vida real também foi degredado para a Índia.



Mariana na era das influencers digitais

Se **Amor de Perdição** fosse desenhado hoje em dia, quem sabe numa novela da vida real, por aí haveria com certeza quem criasse o *hashtag* #teamTeresa ou #teamMariana. Mas então Teresa não era a única? Simão andava a falar com outra no Tinder? Calma. Mariana é provavelmente a personagem mais interessante do Romantismo português, a que demonstra de forma mais clara o que é a abnegação por amor e a entrega total. Embora Simão lhe diga várias vezes «não és tu, sou eu», insista com um «não vamos estragar a amizade» ou o célebre «neste momento não quero nada sério», Mariana faz ouvidos de mercador e lá vai ela, rédea solta, pôr likes em tudo o que o *boy magia* posta nas redes, «tagá-lo» sempre que respira mas sem lhe mandar as indiretas habituais dos tempos digitais. Mariana é toda ela despojo. Tal é o seu amor que até se presta ao papel de fomentar a comunicação entre Simão e Teresa, sua rival. Pessoas assim não existem, certo? Não querendo entrar nos *spoilers* mas acreditando que todos nós conhecemos esta história muito bem, quem vai com Simão no fim não é a frágil Teresa, mas antes a decidida Mariana, que pega nas trouxas e se enfia no barco, rumo ao degredo. Ao vê-la, já tonto de febres, talvez Simão tenha tido um rebate de consciência e pensado que, não obstante as dores de amor, devia ter prestado mais atenção à sua *stalker*. Talvez o amor se construa, talvez afinal Mariana não fosse assim tão perseguidora, mas alguém que percebe que é possível trabalhar numa relação que não se baseie no fogo da paixão mas na calma do cuidado e do carinho. Haverá discussão mais moderna?

Passear dentro do livro

A cidade do Porto está povoada dos caminhos de **Amor de Perdição**. Da Cadeia da Relação, descemos até ao Convento da Madre de Deus de Monchique. Se hoje o caminho a pé se faz Restauração abaixo, na altura as ruelas eram mais sinuosas e não era fácil o vaivém de cartas entre os amantes. O convento é um dos raros exemplos do Manuelino no Norte do país, erguido em 1533 onde antes existia uma sinagoga. À altura da publicação do livro de Camilo, o convento já estava encerrado há quase trinta anos mas é lá que vai parar Teresa, enviada pelo pai, para que a sua febre de amor fosse curada pela fé. Teresa resistiu o quanto pôde, o que não foi muito. Passado pouco tempo, debruçada sobre uma das janelas do edifício, vê Simão partir num barco para a Índia e falece, possuída de fraquezas, tão à moda desses tempos.

O convento esteve vergonhosamente abandonado durante décadas. Hoje foi reconicionado e até é possível lá passar uma noite. É um hotel inaugurado em agosto de 2020. Não sabemos se há algum quarto com a temática das febres de Teresa, mas acreditamos que de vários seja possível ver outro dos pontos essenciais do livro: a zona portuária. Ainda não existia edifício da Alfândega à data do lançamento do livro mas estava por pouco: já havia os alicerces que destruíram a antiga praia de Miragaia e passados cerca de oito anos surgiria o edifício, hoje Centro de Exposições, mais ou menos como o conhecemos. Daí saiu Simão rumo à Índia, cumprindo pena de degredo, embora, como sabemos, não tenha aguentado muito mais do que a ponta de Sagres.

Embora passado em vários espaços do Norte de Portugal, o Porto é um dos cenários principais de **Amor de Perdição**. Além dos edifícios, dos caminhos e paisagens que preencheram a obra de Camilo, há ainda um Porto Romântico a fazer jus ao nome, espreado pelos jardins do antigo Palácio de Cristal e pelos espaços culturais inseridos nesse mesmo percurso do romântico portuense.

Além de uma história de paixões trágicas, **Amor de Perdição** é um clássico sobre a reação do ser humano perante a necessidade de tomada de uma decisão, o desafio às imposições da sociedade e o esticar das normas, das regras e da opressão. Excepcionalmente inovador para a altura, o livro toca temas sensíveis e acreditamos que não haja cidade melhor para representar esses mesmos temas do que o Porto, a tal cidade que tantos têm por nação.

#1

BESTSELLER MUNDIAL

«Depois do labirinto emocional e de suspense de *A Rapariga no Comboio*, *Um Fogo Lento* vai mais longe sem sair do centro de Londres, o cenário perfeito para um conjunto de personagens que a memória do leitor vai guardar, por muitos policiais que leia.»

João Céu e Silva
Diário de Notícias

«Em *Um Fogo Lento*, Paula Hawkins eleva os thrillers a um patamar diferente do que nos habituámos a ler.»

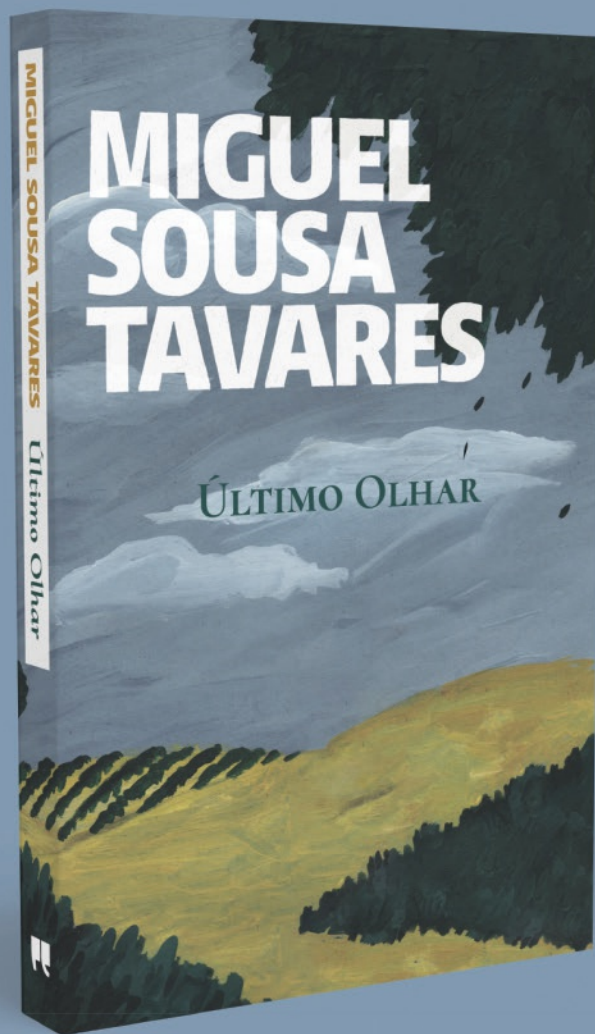
Sérgio Almeida
Jornal de Notícias

LEIA TAMBÉM

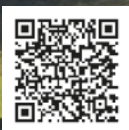


Miguel Sousa Tavares

NOVO ROMANCE



ÚLTIMO OLHAR



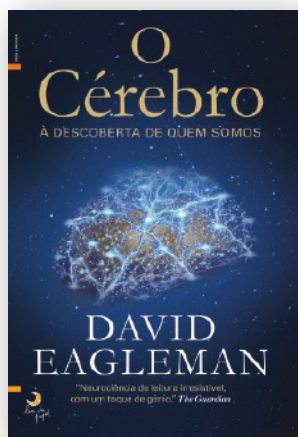
Cérebro

o último grande mistério

Em pleno 2021, com carros que se movem sozinhos, minicomputadores que cabem na palma da mão e a um passo apenas do turismo espacial, o cérebro continua a ser um dos maiores mistérios do universo.

Esta seleção de livros vai ajudá-lo a perceber um pouco mais acerca deste órgão tão especial: desde a sua constituição ao modo como se formam os pensamentos, passando pelas diferenças entre cérebros de homens e mulheres, adultos e crianças, até sugestões para prolongar a saúde cerebral.

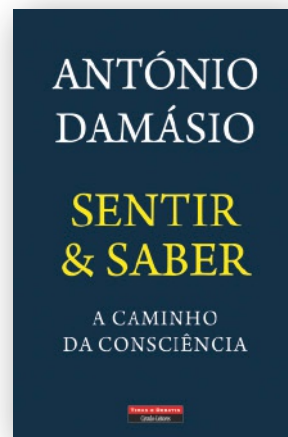
No fim desta viagem, irá perceber que, ao compreender o cérebro, estamos também mais perto de compreender a Humanidade.



O Cérebro – À Descoberta de Quem Somos

David Eagleman

A primeira paragem da nossa jornada é um livro de David Eagleman, considerado pelo jornal *The Independent* «o homem mais inteligente da América». Trata-se de uma excelente introdução ao funcionamento do cérebro, que aborda questões curiosas de forma acessível, como: Porque é que diferentes pessoas recordam de forma distinta o mesmo acontecimento? Vemos realmente a cores? E porque será que, em momentos de tensão, tudo parece ficar em câmara lenta?



Sentir & Saber

António Damásio

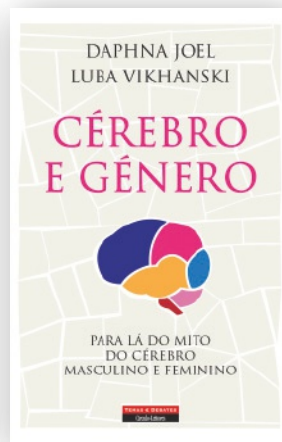
A nossa proposta seguinte é o livro mais recente de um dos nomes incontornáveis da neurociência: António Damásio. Em **Sentir & Saber**, o investigador português faz uso das mais recentes descobertas de diversas áreas, como a Neurobiologia, a Psicologia ou a Inteligência Artificial, para explicar o fenómeno da consciência. Em capítulos breves, o autor ajuda-nos a compreender a relação entre a consciência e a mente, explicando-nos, por exemplo, porque é que estar consciente não é o mesmo que estar acordado.



O Funcionamento da Mente

Augusto Cury

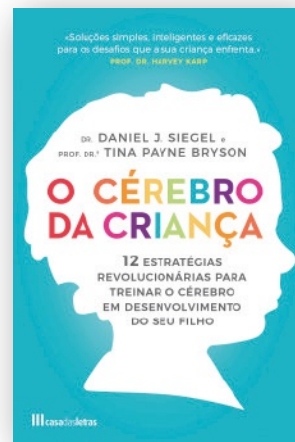
Ao longo das suas pesquisas, Augusto Cury desenvolveu a teoria de inteligência multifocal (TIM), que se centra nos sentimentos e na construção dos pensamentos. Neste livro, através de uma linguagem acessível e dirigida a um público amplo, o psiquiatra usa a sua teoria para explicar como se desenvolvem os pensamentos e de que forma as emoções influenciam a racionalidade, mostrando ainda, nesse processo, como acedemos à memória.



Cérebro e Género

Daphna Joel e Luba Vikhanski

Durante muito tempo, pensou-se que o cérebro era a base das diferenças entre homens e mulheres. Mas será que é mesmo assim? Em **Cérebro e Género**, Daphna Joel desmistifica esta ideia. A neurocientista não afirma que não haja diferenças de género no cérebro; em vez disso, argumenta que, devido às interações complexas entre género e muitos outros fatores, como genes, hormonas e meio ambiente, cada indivíduo apresenta uma morfologia cerebral única, em que masculino e feminino se entrelaçam num mosaico. Para lá do mito do cérebro feminino e masculino, este livro é uma fascinante jornada científica, que transforma a forma como encaramos a questão do género.



O Cérebro da Criança

Daniel J. Siegel e Tina Payne Bryson

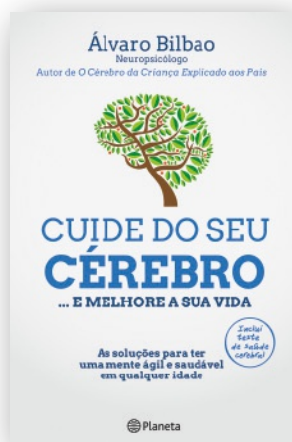
Aos dois anos, o seu filho faz uma birra no meio de uma loja. Aos cinco, recusa-se a vestir a roupa. Aos dez, fica de mau humor porque no campeonato de futebol da escola foi deixado no banco, em vez de jogar a ponta de lança. Será que os filhos conspiram para tornar a vida dos pais um inferno? Não. Isto deve-se ao facto de a parte do cérebro responsável por tomar decisões e equilibrar emoções estar em desenvolvimento até cerca dos 25 de idade. Ao aplicar estas descobertas à educação diária, através de doze estratégias revolucionárias para treinar o cérebro em desenvolvimento do seu filho, este é um livro prático, que lhe permitirá transformar qualquer birra ou medo numa oportunidade de crescimento.



Os Segredos da Sua Mente

Leandro Morgado

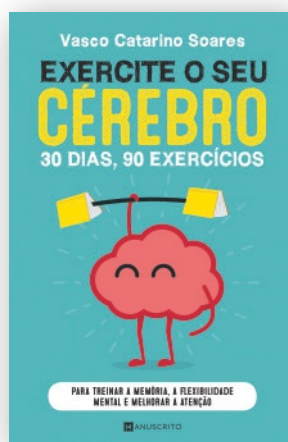
Sempre quis saber mais sobre hipnose? Quer ser capaz de dominar a arte da sugestão ou memorizar grandes quantidades de informação? Em **Os Segredos da Sua Mente**, o mentalista Leandro Morgado desmistifica os mecanismos da memória e as diferentes formas de potenciá-la, explorando igualmente os limites da percepção e da ilusão. Com este livro aprenderá técnicas simples, que pode aplicar no seu dia-a-dia, para impressionar familiares e amigos. Se souber direcionar a sua atenção no sentido certo e observar os outros de forma eficaz, analisando corretamente a linguagem corporal, poderá até «ler» pensamentos.



Cuide do Seu Cérebro... e Melhore a Sua Vida

Álvaro Bilbao

Ao contrário das células de quase todos os outros órgãos, que se renovam periodicamente, os nossos neurónios acompanham-nos a vida toda. Apesar disso, não lhes dedicamos a mesma atenção e cuidado que consagramos às outras células. Tendo em conta que quase 40% da população irá desenvolver algum tipo de doença cerebral grave se nada fizer para o evitar, o cuidado do cérebro não pode ser adiado. Mais do que a prevenção de transtornos neurológicos, um cérebro cuidado ajuda-nos a ser mais felizes. **Cuide do Seu Cérebro... e Melhore a Sua Vida**, sugere, numa linguagem simples e apelativa, comportamentos e atitudes para manter uma mente ágil e saudável em qualquer idade.



Exercite o Seu Cérebro

Vasco Catarino Soares

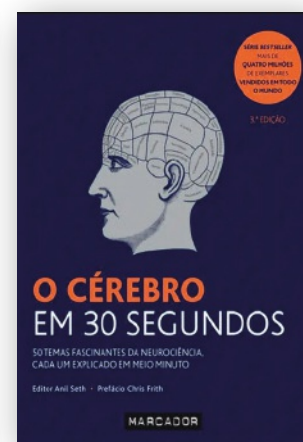
Se está tão cansado que tem dificuldade em reter informação, focar-se numa tarefa ou sente as palavras fugir-lhe, está na hora de fazer algo em relação a isso. Tal como a prática desportiva melhora a nossa condição física, o cérebro também deve ser estimulado, em qualquer idade, através de exercícios apropriados, que impedem a deterioração provocada pelo envelhecimento e por hábitos de sono e alimentação pouco saudáveis. Neste livro, o neuropsicólogo Vasco Catarino Soares propõe-lhe um plano de 30 dias, com 90 exercícios de 10 a 15 minutos/dia, para treinar e melhorar as suas funções cognitivas.



O Futuro da Mente

Michio Kaku

Graças a computadores cada vez mais potentes e a novos métodos de ressonância magnética, o que há apenas algumas décadas era apenas do domínio da ficção científica tem vindo a tornar-se realidade. Tecnologias consideradas impossíveis, como a gravação de memórias, a comunicação telepática e o registo vídeo de sonhos foram já demonstradas em laboratório. **O Futuro da Mente** traz-nos uma perspetiva detalhada da espantosa investigação feita a nível global que tem tornado realidade antigas fantasias. O autor, Michio Kaku, leva-nos numa visita guiada ao que o futuro da mente nos reserva, fazendo uso de um humor subtil e apimentando os capítulos com referências a livros e filmes de ficção científica que todos conhecemos.



O Cérebro em 30 Segundos

Anil Seth

A fechar esta seleção, trazemos-lhe um livro prático, que lhe permitirá aprender muito em pouco tempo. Em **O Cérebro em 30 Segundos**, grandes especialistas da área explicam as cinquenta teorias mais fascinantes da Neurociência sob a forma de verbetes, como numa pequena enciclopédia condensada. Cada tema é resumido numa página de texto e numa imagem que podem ser lidos em apenas trinta segundos, permitindo-lhe assim perceber rapidamente o que se passa dentro da nossa cabeça: quer saber porque não conseguimos fazer cócegas a nós próprios? Perceber como o cérebro define a nossa personalidade ou que o veem os médicos numa ressonância magnética? Este é o livro certo para pôr a sua massa cinzenta a refletir sobre... massa cinzenta.



Entre intrigas, traições e casamentos reais, neste novo romance **Isabel Stilwell** traça o seu retrato de **Inês de Castro**, a protagonista da **maior história de amor** de Portugal.



Mais do que um livro de receitas, esta é uma **biografia gastronómica**. Entre brunch, almoço, jantar e sobremesas, estas **101 iguarias** ajudam a contar a história do casal mistério. Pelo menos uma vez na vida, **vai ter de experimentar!**



Cartoon

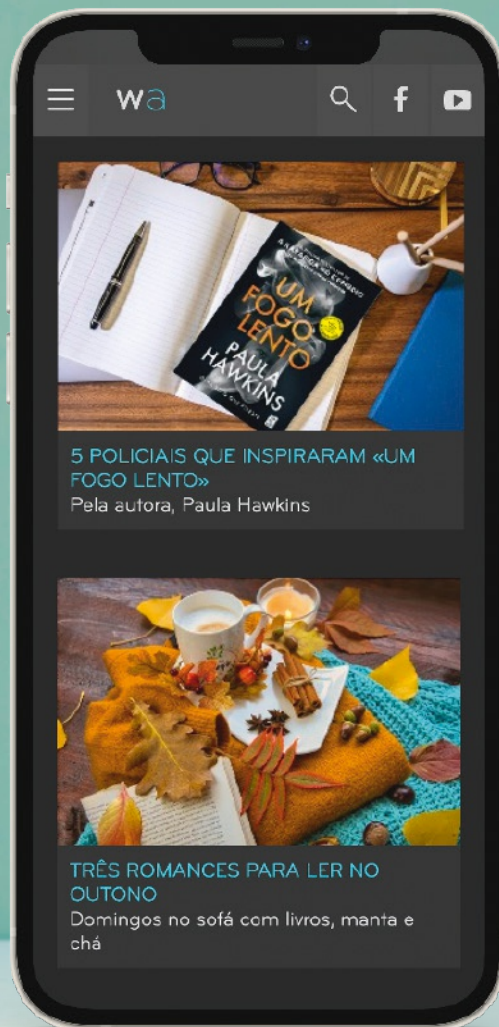
Nobelmanias



Presente de Natal



O blogue literário da **WOOK**



wookacontece.pt

wook®



80040.10

Subscreva a nossa *newsletter*